

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica

PSICANÁLISE FRANCESA

Lacan a partir de seus aforismos

Registros de aula

Professor: Marcus André Vieira

Estágio docência: Thereza De Felice

Monitoria: Andrezza Melo

I - Subjetivo e objetivo (introdução I)

23/08/2016

Notas de aula por Fernanda Alves

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Nos anos cinquenta, Lacan propôs o que chamou de um *retorno a Freud* (cf. 1998, p. 402), observando que a produção dos psicanalistas pós-freudianos estava se distanciando do que, para ele, tratava a psicanálise freudiana, havendo, assim, distorções importantes.

- Exemplo: o pai na teoria freudiana. Enquanto Freud tomava o pai como lugar ou função, os analistas pareciam tomar o pai como a figura em si, o personagem em questão.

O ponto de partida lacaniano:

O entendimento de Lacan sobre a célebre frase de Freud "*wo es war, soll ich werden*" (FREUD, 1933[1932]), "onde há isso, o eu deve advir", é um ponto fundamental para que se compreenda em quê ele se distanciou dos pós freudianos e porquê se lançou a fazer uma nova maneira de tomar a obra de Freud.

Lacan retomou esta frase de diversas maneiras ao longo de seu ensino, o sentido dela para ele, premissa fundamental de seu trabalho, poderia ser resumido da seguinte forma: **onde está o inconsciente/isso, deve haver eu**. Isso significa dizer que não se trata, em uma análise, de dominar o isso completamente, mas de poder estar ali, de habitar também o isso. Ainda de outra forma: o inconsciente não se tornará totalmente consciente, mas ele poderá ser vivido em certas condições no consciente e dessa forma mudar nossa história e existência.

A interpretação da frase freudiana sobre a qual os analistas vinham fazendo sua clínica, e à qual Lacan fez sua crítica, era de que o consciente deveria ganhar/esclarecer/colonizar o inconsciente. Seria uma ideia de que o consciente ganhasse o inconsciente. Essa não era a ideia de Lacan.

- **Premissa fundamental lacaniana: a direção de uma análise não é iluminar, mas navegar pelo inconsciente.**

As consequências que se extrai disso são inúmeras, clínica e teoricamente. A maneira como Lacan pensava a relação com o saber está também sedimentada nesse fundamento. Essa premissa coloca a psicanálise lacaniana em contato com o que há de obscuro, sem a pretensão de esclarecê-lo, tanto na clínica como em seu ensino.

- Analogia: Andar por um porão com lanternas, mas sem iluminá-lo completamente. É preciso, assim, lidar com o obscuro.

Função do analista:

Ele deve, para começar, aceitar essa obscuridade, o que significa trabalhar com o lado que aparece como complicado/confuso do analisando sem querer iluminá-lo completamente. Na psicanálise, o que se apresenta como confuso é, muitas vezes, mais útil do que aquilo que se apresenta com clareza. Em outras terapias, ao contrário, visa-se a organizar o indivíduo, buscando fazer com que ele se sinta melhor, por ter supostamente se conhecido melhor. Além disso, uma terapia visa especialmente à melhora, enquanto que a psicanálise visa, tanto quanto à melhora, à descoberta de material que reorganiza. Por isso o psicanalista tolera, mais que um terapeuta, que o material cause perturbações e um pouco de angústia.

- **A função do analista se distancia, assim, de uma posição de amizade ou assistencialista.**

Nem tudo será claro e dominado pelo eu. Desse modo, em uma análise não se pode dizer com muita certeza o que ocorreu, mas sabe-se que algo mudou. Podemos dizer, com a premissa de Lacan sobre o esclarecimento, que, por vezes, está certo mesmo quem não consegue ou não sabe explicar o que ocorre. Isso vai na contramão do que prega um certo cientificismo que não legitima aquilo que não se pode objetivar.

Uma análise pode ser racional, pois trabalha com conteúdos inconscientes que se apresentam, mesmo que parcialmente. Ela não trabalha com o oculto (esoterismo), mesmo não trabalhando com o que é ou pode ser objetivado (científico).

Algumas premissas que nos orientam:

A partir dessa premissa fundamental em relação ao eu e o isso, sobre a qual se funda o ensino de Lacan, colocam-se algumas perguntas importantes:

1- Por que a psicanálise na Universidade?

- Porque é uma prática racional, embora não seja objetiva. Racionalidade e objetividade não se confundem.
- Apresenta eficácia não objetiva. Sustenta-se pelos seus resultados que lhe trouxeram legitimidade até hoje.
- Apesar de existir uma demanda da ciência de transformar em objetivo aquilo que não o é, o ser humano é muito mais do que apenas aquilo que se pode objetivar, e essa é a aposta do método psicanalítico.

II – Objeto e contexto (introdução II)

25/08/2016

Notas de aula por Fernanda Alves

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

O objeto da psicanálise é a subjetividade no sentido de tudo aquilo que não é objetivado. É tudo aquilo que é impreciso, perturbador, instável, a que não conseguimos dar estabilidade e clareza. Não é necessariamente o que é privado, secreto, ou vergonhoso, mas é verdade que este tipo de conteúdo costuma ter essas características. O analista não vai trabalhar no sentido de objetivar o subjetivo, mas, ao contrário, tomá-lo dessa forma.

O objeto da psicanálise é, então, essa parte de nós subjetiva, ou seja, um objeto não estável.

- **O objeto da psicanálise é instável, confuso, fragmentado e, portanto, múltiplo** (A subjetividade foi dividida por Freud em três instâncias: eu, isso e supereu).

O eu, por conta do mecanismo do recalque apresenta um material censurado e que, por isso, faz o analista visar à outra instância – a saber, o inconsciente.

- **É no inconsciente que se encontra o material da análise.**

Ainda assim, há coisas no inconsciente que não são trabalhadas, às vezes por serem tão obscuras que não são possíveis de serem trabalhadas - o que poderíamos chamar metaforicamente, por exemplo, de um "buraco negro".

Continuando com as premissas que nos orientam:

2 - Por que a psicanálise se divide em escolas?

- Nosso objeto sendo o subjetivo, ele é **variável** e não estável. Ele se apresenta um pouco diferente na medida de como o abordamos. Por isso, a maneira como cada autor o abordou faz diferença. O que provocou entre os analistas pós-freudianos uma divisão entre as teorias de acordo com a leitura sobre esse objeto.
- Algumas abordagens **fizeram escola**, pois o autor em questão leu o que Freud inventou com a psicanálise de modos tão próprios que criaram um novo modo de fazer com o inconsciente, mesmo se mantendo dentro das premissas freudianas, com implicações clínicas muito diferentes.
- A **psicanálise não busca objetivar sua prática**, por isso as diversas teorias que se desdobraram a partir de Freud não são falsas ou verdadeiras, e sim atendem ao que cada uma entende como ferramentas que têm efeitos clínicos.

3 - Por que a escolha de estudarmos Jacques Lacan e não a escola francesa?

- Há um entendimento de que **as diferenças de escola não se dão geograficamente, mas sim por autor**. Paul Bercherie (1994), por exemplo, divide as escolas por autores que instituíram uma teoria: lacanianos, kleinianos e a dita psicologia do ego. Em um quarto grupo estariam aqueles que estudam à margem de uma instituição específica. Essa é apenas uma maneira de entender a

divisão teórica, e partiremos daí.

Breve contextualização

Nessa introdução, faz-se necessária uma pequena contextualização panorâmica sobre quem foi este autor e como ele pensava o ensino e a transmissão da psicanálise.

Lacan foi um psiquiatra francês de classe média, que teve como base de seu trabalho a loucura, diferentemente de Freud, que partiu das histéricas. Sua tese de doutorado foi um estudo do caso de uma paciente que tentou assassinar uma famosa atriz da época - o caso Aimée. Na década de 50, Lacan, então membro e analista didata da IPA - Associação Psicanalítica Internacional, fundada por Freud -, passa a adotar na condução de suas análises um tempo de sessão variável; o tempo lógico. Tal fato levou a uma crise na sociedade de psicanálise francesa, já que o tempo lógico ia contra um dos princípios a que deveriam atender os analistas didatas - o tempo das sessões de cinquenta minutos.

No momento em que Lacan se torna diretor do instituto da IPA responsável pela formação dos analistas, isso gera um enorme impasse: apenas aqueles que se formassem sob os princípios instituídos pela IPA – dentre eles, o tempo cronológico de cinquenta minutos – poderiam se formar como analistas e, no entanto, o diretor do instituto e, portanto, um dos principais didatas, não analisava sob tais princípios. Como poderiam ser validadas aquelas análises que rompiam com os princípios institucionais?

Como consequência, aqueles que se analisavam com Lacan decidiram sair da instituição e Lacan, junto com eles, criou sua própria sociedade - a Sociedade Francesa de Psicanálise. Tal sociedade buscou durante quase uma década o reconhecimento e a inclusão na IPA. Quando se decidiu pela aceitação da Sociedade, a decisão veio junto com um pré-requisito: as análises conduzidas por Lacan não seriam validadas para que se formassem analistas. Instaurou-se, então, uma nova crise, pois alguns analisandos de Lacan decidiram por aceitar os pré-requisitos da IPA, e Lacan decide, assim, por uma ruptura, fundando em 1964 a Escola Freudiana de Paris.

Os primeiros dez anos dos Seminários de Lacan tratavam de fazer um retorno aos escritos de Freud. Quando funda a Escola Freudiana de Paris, em 1964, começa a traçar um percurso mais próprio em sua teoria, criando novos conceitos, mesmo que sempre sobre as bases de Freud.

O ensino de Jacques Lacan

Divisão em duas partes:

- Os Seminários - transcritos e estabelecidos por Jacques-Alain Miller.
- Seus escritos, publicados nos chamados “Escritos” (1998) e “Outros Escritos” (2003). Nosso curso tomará como base citações retiradas dos escritos de Lacan.

O ensino de Lacan se estabeleceu de maneira análoga à que ele pensava a clínica.

Tudo o que vimos até aqui sobre haver sempre uma parte obscura em cima da qual o analista deve trabalhar se aplica também a seu ensino. Portanto, para ele, não se tratava de

esclarecer a teoria ou fazê-la de forma simplificada. Seus escritos, assim como os Seminários, são feitos para que em uma mesma frase encontremos não apenas o simples, mas também o complexo.

- **O inconsciente não é colonizável pelo eu e isso diz respeito à transmissão do ensino de Lacan, tanto quanto à clínica.**

III – Aforismos (introdução III)

30/08/2016

Notas de aula por Giovanna Maia

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Nossa metodologia

Faremos um estudo do ensino de Lacan a partir de **uma metodologia não panorâmica sobre seu ensino, mas de aprofundamentos ou mergulhos em pontos específicos e fundamentais da teoria lacaniana, a partir de alguns aforismos de Lacan.**

Método de Lacan

Ao longo dos 30 anos de seu ensino, Lacan dedicou-se:

- Nos dez primeiros anos, a formalizar um certo jeito de ler Freud;
- Nos outros dez anos seguintes, mais ou menos, à fundação do lacanismo,
- E nos últimos dez anos, às pesquisas e invenções que ficaram conhecidas como as mais radicais e difíceis de serem apreendidas.

Seu ensino se dividia nos Seminários (inicialmente parecidos com um grupo de estudos), transcritos e estabelecidos por Jacques-Alain Miller, e em seus escritos (nem todos), organizados posteriormente em seus “Escritos” (1998) e “Outros Escritos” (2003).

No primeiro tempo, seus Seminários eram semanais; no segundo tempo, eram quinzenais, e no terceiro tempo, seus Seminários não tinham regularidade de apresentação. Em seus seminários, procurava fornecer aos analistas ferramentas para melhor trabalhar com sua clínica.

Visão anti-panorâmica

A visada ou a função de uma análise não é a de produzir uma visão panorâmica sobre a vida, de auto-conhecimento, ainda que isso possa se produzir como efeito, eventualmente.

- **Podemos dizer que o ensino de Lacan é anti-panorâmico porque nos coloca em direção ao**

que há de vivo no discurso, àquilo que agita o ser, o detalhe.

Nesse sentido, o método lacaniano é oposto ao método cartesiano que busca fragmentar uma coisa para depois recolocar tudo em seu lugar, obtendo um efeito de totalização (cf. Discurso do método).

Aforismos

Lacan formalizou aquilo que era invariável na teoria freudiana. Freud apresentava seu modo de fazer, a novidade da experiência psicanalítica desse novo modo, quase como um romance; ele usava enredos. Lacan buscou formalizar o que era o fazer freudiano de uma maneira mais abstrata, mais seca, para que servisse em contextos mais variados, já que o entendimento de um “romance” pode variar muito de lugar para lugar, mas sua estrutura nem tanto.

Uma maneira de fazer tal formalização foi com seus famosos aforismos. A partir deles, transmitia suas ideias de modo direto e “seco”, sem explicar, sem contextualizar, sem contar história.

Para organizar seus seminários, Lacan escrevia frases fortes e breves que condensavam, cada uma, um princípio específico que direcionava as discussões da aula em questão. Essas máximas recebem o nome de **aforismos**, e era a partir deles que a aula tomava corpo.

Ao apresentar os conceitos, Lacan não buscava convencer ou provar para seus alunos que estava certo. Ele partia da premissa de que suas ideias já eram verdadeiras para sua prática clínica e, portanto, a aula era apenas o espaço onde se desenvolviam as discussões que as mesmas traziam à tona.

- Aforismos podem ser definidos como: **qualquer forma de expressão sucinta de um pensamento, frase breve que condensa um princípio ou máximas que transmitem uma ideia forte** (cf. Wikipedia).
- Lacan apostava que esses aforismos eram capazes de explicar algo de uma maneira melhor do que com alguma representação, pois condensavam uma ideia e traziam indagações, e até mesmo uma espécie de provocação. Lacan montava seus Seminários a partir de aforismos, ao invés de preparar uma aula panorâmica.
- **Exemplo de aforismo: “a relação sexual não existe”.** Estudando tal aforismo, veremos que ele não se aplica ao sentido do ato sexual, mas ao sentido de complementariedade. Não há complementariedade, mesmo havendo ato sexual.
- Para cada um desses aforismos precisamos mergulhar nele e nos conceitos em jogo para entendê-lo. Pois ele não se explica nem se justifica. Por isso, Lacan é dogmático. Dogmático porque não é Dialético, não se trata de “vou te explicar”, mas sim “vou te dizer como é”. Ao leitor fica a tarefa de concordar ou não. Não há a sedução da conversa, mas a definição de um modo de pensar e a seguir virá se vale a pena ou não por decisão de cada um.
- Com seus aforismos, Lacan faz seu ensino sem colocar em questão se é certo ou errado, mas oferecendo isso como ferramenta clínica à disposição daqueles que se instigarem e quiserem embarcar.

Os aforismos colocam aquele que estuda Lacan em um certo jogo que baliza o desenvolvimento da ideia. Não se trata de um ensino com base na explicação ou

convencimento, mas de uma suposição de saber. Mais uma vez, o ensino de Lacan se apresenta análogo à clínica.

- **Um aforismo é lançado para provocar o debate sobre para que ele serve e quais consequências se extrai dele. Ele fundamenta a clínica e não visa a obter a razão a partir de um saber totalizante.**

IV - O Outro

01/09/2016

Notas de aula por Clara Pieri

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Para estudarmos alguns aforismos de Lacan, devemos seguir o caminho que ele próprio seguia em seu ensino, perguntando-nos para que servem tais aforismos. Em que eles servem como ferramenta para uma prática, e não como visão de mundo? O que Freud fez foi abrir para a possibilidade de aparecer um material que não se encarna nas pessoas. Aparecem os significados, valores, desejos, para além do acontecimento e seus personagens. A subjetividade começa a aparecer e a ganhar importância.

Quais são os conceitos de que se precisa para que as premissas freudianas se sustentem e sustentem uma prática que abra para essas possibilidades? Essa é a ideia dos conceitos lacanianos.

Como os psicanalistas devem conceber as relações do sujeito?

- **Há alguma coisa que preside as relações e que não é encarnado nas pessoas; alguma coisa que preside o jeito de alguém estar no mundo. A isso Lacan deu o nome de grande Outro.**

Para que a análise ocorra, Lacan afirma que todo analista deve, em um primeiro momento, operar para o sujeito como seu Outro, causando a investigação. Este Outro é um **outro virtual**, isto é, que não é concreto, encarnado; às vezes é chamado por Lacan de simbólico, ou, mais comum, “ordem simbólica”. Ele aparece em questões mais complexas na experiência do sujeito.

Comentário: Para isso, a relação transferencial entre analista e analisando deve ser bem estabelecida, de forma que o analista provoque a emergência dessas virtualidades. Caso haja muitas resistências por parte do sujeito, Lacan defende a ideia de que a responsabilidade é, em todo caso, do analista. Daí uma de suas máximas que diz que “a resistência é sempre do analista”.

É no Outro que eu venho a ser

A ordem simbólica é constitutiva do sujeito. Com o conceito de Outro, Lacan define que há uma **ordem simbólica** que nos estrutura e nos organiza na vida. É como um conjunto de regras abstratas, “virtuais” pré-existentes ao nosso nascimento e que estão em nossa cultura, tanto na sociedade quanto em nosso núcleo familiar ou nas relações que estabelecemos em geral. O Outro pré-existe ao sujeito e já supõe um lugar para ele. Portanto, ao entrarmos na cultura e na linguagem, entramos em um “modo de fazer” da cultura – há papéis já previstos para nós e, para entrarmos nesse meio, temos que topar, minimamente, esse Outro que pré-existe. É assim que se dá, necessariamente, a entrada na cultura.

- **Somos seres jogados no mundo, num cenário que já está acontecendo, e em situação de dependência total do Outro.**

Para Lacan, a ordem simbólica se materializa na **linguagem**, seja ela verbal ou não-verbal. Linguagem, para ele, é quase sinônimo de cultura. Sendo assim, está em tudo o que fazemos e, por isso, só conseguimos nos fazer entender pelo outro quando falamos a língua do Outro. É preciso entrar na língua do Outro, para podermos ter uma língua própria.

O grande Outro (Autre) e o pequeno outro (autre)

A alteridade se divide, para Lacan, em duas:

- **O grande Outro** é o que há de mais abstrato e complexo nas relações do sujeito. É o **simbólico**, o virtual, o cristal que o constitui.
- **O pequeno outro** é o semelhante, a alteridade concreta com que se estabelecem as relações do sujeito. Ele chama esta relação de imaginária que constitui a identidade de uma pessoa, seu eu.

O grande Outro instaura um modo de estar no mundo, cristalizado. Há sempre uma certa ignorância da ordem simbólica constitutiva para que se possa estar na linguagem. É a única maneira de se poder existir no mundo.

Essa dimensão que Lacan tenta dar conta com o conceito de Outro é aquilo que aparece em outras áreas como uma grande pergunta sobre a existência, e é respondida de diversos modos – pelo absolutismo da ciência, ou pelo misticismo, etc.

- **É preciso que o analista suponha essa ordem simbólica no sujeito. A localização dessa ordem numa análise pode ter como efeito algum reposicionamento nela.**

O Outro é a linguagem, a cultura, e Lacan a toma, sobretudo, como um **estrutura**. Parte de Ferdinand de Saussure, da ideia de que a língua é estruturada, mesmo se cada um falante possa mudá-la um pouco, ele precisa, para falar, assumir as regras da estrutura da linguagem. De Lévi Strauss, retoma a ideia de que a ordem simbólica é uma estrutura. Com esse recurso, Lacan retoma a teoria deixada por Freud.

Em geral, numa análise, a maneira como o analisando é constituído no Outro começa a aparecer na narrativa sobre a família, mas o Outro não se restringe à família. Trata-se de se fazer uma leitura da ordem simbólica e não do sentido das relações.

- **O Outro não é transcendental. Ele está no discurso, constituindo aquele que fala, necessariamente, e é a reunião dos atos dos seres falantes.**

Para que possa acontecer a experiência analítica é preciso que o analisando suponha no analista um saber sobre essas coisas que, na experiência, dão a sensação de escapar ao eu, causando enigma, e que aparecem nos equívocos da língua.

Alguma coisa está fora da ordem simbólica

Há alguma coisa na entrada da linguagem que não entra na ordem simbólica. Só temos acesso a isso, contudo, pela própria ordem simbólica, pela linguagem. A coisa em si, de que o simbólico não dá conta, é o que Lacan chamou de real. Quando se nomeia isso, já estamos de novo na linguagem.

- **A cultura pode nomear o real, mas nunca dizer inteiramente o que ele é.**

V - O Outro (II)

06/09/2016

Notas de aula por Joana Chissini

Formatação: Andreza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Retomando os aforismos selecionados com relação ao Outro:

- "A ordem do símbolo já não pode ser concebida como constituída pelo homem, mas constituindo-o." (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 50).
- "Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela." (LACAN, 1973. Em *Outros Escritos*, p. 492)
- "(...) é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente." (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 498)
- "(...) aquilo a que a descoberta de Freud nos conduz é a imensidão da ordem em que ingressamos, na qual, por assim dizer, nascemos uma senda vez, saindo justamente do estado denominado *infans*, sem fala, ou seja, a ordem simbólica constituída pela linguagem, e o momento do discurso universal concreto e de todos os sulcos abertos por ele nessa hora, onde foi preciso nos alojarmos." (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 446)
- "(...) se o homem chega a pensar a ordem simbólica, é por estar primeiramente aprisionado nela em seu ser." (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 57)
- "(...) é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito (...)." (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 14)
- "(...) a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental." (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 498)
- "O peso que conferimos à linguagem [é] como causa do sujeito (...)." (LACAN, 1966. Em *Escritos*, p. 844)

- “O Outro, como sítio prévio do puro sujeito do significante, ocupa a posição mestra, de dominação, antes mesmo de ter acesso à existência (...).” (LACAN, 1960. Em *Escritos*, p. 821)
- “Partamos da concepção do Outro como lugar do significante.” (LACAN, 1960. Em *Escritos*, p. 827)
- O Outro “(...) é o lugar do tesouro do significante, o que não quer dizer do código, pois não pe que se conserve nele a correspondência unívoca entre um signo e alguma coisa, mas sim que o significante só se constitui por uma reunião sincrônica e enumerável, na qual qualquer um só se sustenta pelo princípio de sua oposição a cada um dos demais.” (LACAN, 1960. Em *Escritos* p. 820).

Ordem simbólica

- **Entenderemos, nesse primeiro momento, “ordem do símbolo” ou ordem simbólica como sinônimo de “estrutura”, de “cultura” e resumiremos tudo isso no conceito de Outro.**

Dessa forma, podemos dizer que, para Lacan, os seres são sujeitos de cultura, inseridos nela e desenvolvidos através dela, uma vez que ninguém nasce pronto; todo ser nasce dependente da cultura para ser constituído por ela mesma. Assim, o homem entra em uma cultura que pré-existe, perdendo algo, necessariamente, para que essa entrada ocorra. Mergulhando nela, segue costurando e se apropriando dos pedaços que recolhe do mundo.

Tal ideia já se encontrava em Freud, mas sem estes termos. Freud situa a fundação da cultura no assassinato do pai primevo, em “Totem e Tabu” (1913). No que interessa à clínica psicanalítica, a cultura se funda, assim, em um ato, e não progressivamente. Desse modo, não se trata da pergunta “quem criou a cultura”, ou, “o que estava antes?”, ou “o que eu era antes de ser da cultura?”, mas “como cada ser se apropria disso para emergir como sujeito?”.

No senso comum, tende-se a achar que os seres já nascem com um material no qual a cultura desempenharia um papel de melhoria, fazendo-o crescer, mas com uma “essência” anterior à cultura.

Contudo, do ponto de vista lacaniano, com o conceito de Outro, o sujeito não é uma mistura de natureza e cultura ou de biológico e psicológico, na medida em que a própria palavra “biológico”, a ideia de natureza ou a ideia de psicológico, já seriam construções culturais. Esta premissa é importante de ser sustentada na clínica psicanalítica já que, se o analista considerasse um papel preponderante para a biologia ou para a psicologia, a escuta não seria livre e aberta, mas sim submetida ao “orgânico” e apenas capaz de agir sobre um aspecto da vida do sujeito, o “psicológico”.

- **Não há o dualismo natureza X cultura porque, do ponto de vista lacaniano, não se pode falar sobre qualquer coisa que esteja fora da cultura. Tudo aquilo que se pode nomear está inserido na linguagem e, portanto, é cultura.**

Para Lacan, o único modo de entender a terapia criada por Freud é que sua originalidade se baseia no fato de que ele não dá nenhum papel às determinações ditas biológicas por si só. Ele age como se seres fossem inteiramente culturais, sendo a separação entre biológico e psicológico uma sustentação artificial do pensamento dualista cartesiano, em oposição ao paralelismo de Spinoza.

- **A ordem simbólica é virtual e, ao mesmo tempo concreta.**

Virtual porque não é da consciência, é alguma coisa que não está escrita ou determinada em algum lugar, mas concreta porque, ainda assim, preside as relações humanas sem ser uma ordem transcendental, mental. Ela atua sobre os corpos, concretamente. Apesar disso, aparenta ser sempre externa, ainda que seja constituinte de cada ser. Por isso Lacan a chamou de Outro.

Tomando como exemplo o corpo, observa-se o quanto ele é moldado concretamente por uma ordem simbólica ainda que, para que sigamos no fluxo da vida, precisemos ignorar essa ordem. Basta ver a maneira como as pessoas se vestem, gesticulam ou reproduzem códigos sociais.

De outra maneira...

- **Podemos tentar entender a ordem simbólica como determinações ou conjunto de regras inconscientes que estruturam o sujeito.**

Em geral, essas regras funcionam com certa consistência. Há, contudo, situações em que o Outro se mostra inconsistente, quando as regras não dão conta de alguma coisa, desorganizando os lugares no mundo minimamente organizados por ele. O sexo e a morte, por exemplo, tendem a ser os lugares em que muitas vezes as coisas se desorganizam, em que as regras não dão conta, minimamente, do real.

- **A estrutura da ordem simbólica é sempre coletiva.**

Isso significa dizer que a mãe só se constituirá em seu papel de mãe, por exemplo, coletivamente. As funções simbólicas só se inscrevem coletivamente. Função materna (presença) e função paterna (ausência) são coletivas e se encarnam independente do gênero, da pessoa em si, ou número de pessoas, etc.

Documentário Edifício Master – o “caso” Esther

Foi retratado um trecho do documentário Edifício Master, dirigido pelo cineasta Eduardo Coutinho em 2002, a fim de ilustrar como a ordem simbólica teria atuado na conduta de determinada situação de uma senhora, chamada Esther, residente de um antigo e tradicional edifício em Copacabana. No recorte apresentado, Esther relatou um assalto à mão armada, no qual, em suas palavras, “um rapaz branco, bonito e bem vestido”, roubou-lhe todo seu dinheiro da Caixa Econômica. Ela relata que ele a abordou na rua, depois a fez ir para casa buscar o cartão para, em seguida, ir ao banco sacar o dinheiro, tudo isso com uma arma apontada para sua cabeça. No final, ela conta que foi enganada pelo rapaz. Ele lhe deu uma bolsa com papeis, fingindo ser dinheiro. Ela ainda guarda a bolsa com os papeis, e mostra a bolsa para a câmera. Fala sobre o falecido marido e seu sentimento de estar só há dois anos. Esther relata o que fez ao chegar em casa desacompanhada, chorando: contou que, às 16h, vestiu uma calça e foi até a sua janela, decidida a pular. Diz, contudo, que se lembrou de que estava devendo às lojas C&A e Ponto Frio, o que, para ela, foi o motivo que a impediu de se matar. Não queria morrer devendo a ninguém. Na passagem do trecho, fica evidente como regras simbólicas que atuam na sociedade podem

funcionar para alguém ou não, uma vez que isso dependerá de como essas regras se encarnarão para cada um. Também nos esclareceu como a ordem simbólica deve ser levada a sério na escuta clínica, uma vez que é o relato que importa para que situemos o que funcionou ou deixou de funcionar, e isso não é universal, mas, pelo contrário, singular. O relato de Esther poderia ser tomado por alguém, por exemplo, como não sendo suficiente para ela se suicidar. Tal interpretação seria, contudo, a partir das regras que regem a vida dessa pessoa que assim interpretou, o que é o oposto da escuta analítica. Deve-se considerar que cada pessoa interpreta regras gerais à sua maneira.

- **Regras inconscientes que regem um sujeito são singulares, em oposição às regras gerais e universais. Uma análise não visa a transformar o discurso a partir das regras gerais, mas sim a escutá-lo em sua singularidade. Isso é apostar na ordem simbólica.**

VI - O sujeito

08/09/2016

Notas de aula por Marina Gomara

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Trabalhamos a ordem simbólica, até aqui, como um conjunto de regras inconscientes. Agora, veremos de que se trata o sujeito, constituído na ordem simbólica.

Os aforismos que nos servirão como ponto de partida no estudo do sujeito são:

- “Um polo de atributos, eis o que é o sujeito antes de seu nascimento (e talvez seja sob o acúmulo destes que irá claramente sufocar). De atributos, isto é, de significantes mais ou menos ligados num discurso (...).” (LACAN, 1961. Em: *Escritos*, p. 659).
- “(...) os pontos em que o sujeito desaparece sob o ser do significante; quer se trate, com efeito, de ser ele mesmo, de ser pai, de ser nascido, de ser amado ou de estar morto, como não ver que o sujeito, se ele é o sujeito que fala, só se sustenta neles pelo discurso?” (LACAN, 1960. Em *Escritos*, p. 717)
- “Trata-se [a fala], pois, de um ato, e como tal, supõe um sujeito.” (LACAN, 1955. Em *Escritos*, p. 353)
- “(...) o símbolo se manifesta inicialmente como assassinato da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização de seu desejo.” (LACAN, 1956. Em *Escritos*, p. 320)
- “(...) o significante é unidade por ser único, não sendo, por natureza, senão símbolo de uma ausência.” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 27)
- “(...) o significante, como vocês talvez estejam começando a entender, materializa a instância da morte.” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 26)
- “O que ali *havia* de pronto para falar (...) desaparece, por não ser mais que um significante.” (LACAN, 1966. Em *Escritos*, p. 854)

- “Se isso fala no Outro, quer o sujeito o ouça ou não com seu ouvido, é porque é ali que o sujeito, por uma anterioridade lógica a qualquer despertar do significado, encontra seu lugar significante. A descoberta do que ele articula nesse lugar, isto é, no inconsciente, permite-nos apreender ao preço de que fenda (*Spaltung*) ele assim se constituiu.” (LACAN, 1958. Em *Escritos*, p. 696)
- “(...) o desejo nada é senão a impossibilidade dessa fala, que, por responder à primeira, não consegue fazer outra coisa senão reduplicar sua marca, consumando a fenda (*Spaltung*) que o sujeito sofre por só ser sujeito na medida em que fala.” (LACAN, 1961. Em *Escritos*, p. 640).

Dona Esther

Relata que, na solidão que sentia, o assalto foi o momento de maior desespero de sua vida. Sem marido (falecido há dois anos), sem gerente, sem dinheiro, sem nada, é como se vê quando o assalto abala os valores que, supomos, estruturam Esther na ordem simbólica. Nesse momento, agarrou-se a uma regra bem básica para ela: “Não posso morrer devendo à C&A” – ela diz.

- **É o discurso que deve ser levado em conta pelo analista, ao pé da letra, palavra por palavra, em sua singularidade e não a partir das regras gerais supostamente universais.**

Podemos dizer que Esther é exemplo paradigmático do eu/*ego*. Trata-se de uma pessoa que preserva e funciona a partir de seus valores, bem encaixada com seu lugar suposto no Outro. É muito identificada com esse lugar. Exemplo de um desses valores que a estruturam no mundo seria a ideia de que um homem bonito e bem vestido não pudesse ser assaltante. Quando essa certeza se mostra inconsistente e fracassa, sua crença nesse lugar que ocupa para o Outro é abalada, a ponto dela quase se suicidar. Até então, Esther se apresentava relativamente bem resolvida com os valores com os quais se identifica na cultura, e não vivia grandes dilemas com isso. A partir de um momento de crise, contudo, ocorre uma desintegração desse eu aparentemente bem sustentado, desencaixando tudo que sempre lhe pareceu tão claro e objetivo. Ela não se suicida porque consegue reestruturar esse lugar a partir de outra crença: não se pode morrer devendo dinheiro aos outros.

Daniela – a menina do olhar enviesado

Daniela chama o mundo de “selva de pedras” e quer se proteger, pois tem medo. Podemos dizer que ela nos ensina mais sobre o que é o sujeito.

Enquanto Esther parece ter uma percepção sobre o que ela é no mundo - "eu sou Esther, costureira, etc" -, Daniela parece ter uma percepção sobre o que ela não é no mundo - “eu não sou mentirosa”, por exemplo.

- Daniela seria um exemplo paradigmático de alguém que não se encaixa bem no Outro, e por isso nos introduz ao conceito de sujeito. Há uma constante tentativa de se construir um lugar para si no mundo a partir do sentimento de que uma parte de nós não se encaixa bem, não disse ainda ao que veio. É com essa parte enigmática, o sujeito, que a psicanálise trabalha. A psicanálise se interessa pelas falas de sujeito, aquelas que, às vezes na mesma pessoa, não se combinam com sua parte iluminada, o eu.

- **Lacan dividiu o eu em: *je* e *moi*.** O primeiro é o sujeito, a pergunta sobre o que se é para o Outro, o ponto cego. O segundo é o eu imaginário, é o conjunto de traços de identidade que vieram a compor a identidade oficial.

A parte que parece mais se expressar em Daniela é essa da pergunta, do ponto cego. O eu seria a área mais iluminada - remetendo à metáfora do porão e da lanterna vista na introdução do curso. Por isso, podemos dizer que Dona Esther seria uma mulher predominantemente egoica, aparentemente bem esclarecida sobre qual posição ocupa para o Outro.

Como acompanhamos nas últimas aulas, tomamos o fragmento da personagem Esther, do filme *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho, como exemplo paradigmático do eu, e a personagem Daniela como exemplo paradigmático do sujeito. A ordem simbólica supõe para o ser um lugar mais ou menos bem encaixado no mundo. Com aquilo que aparece como desencaixe, podemos dizer que estamos mais próximos do sujeito.

A tentativa de suicídio de Esther, por exemplo, representa uma crise em relação a esse lugar que ocupa no Outro, um momento em que seu eu se revela fragmentado, o Outro se mostra inconsistente, abalando o lugar que até então a organizava. Ao desistir de se jogar pela janela, no entanto, podemos pensar que algo da ordem simbólica se reestrutura para Esther, em cima de um dos valores que tinha para si: não poder morrer com contas a pagar.

Não existe um ser humano que não seja um pouco Esther e um pouco Daniela.

- **O homem é, em todo caso, *je* e *moi*; uma composição de pontos cegos.**

Freud chamou de “ponto ótimo” aquele em que se conciliam as exigências da cultura e as exigências do sujeito, seus próprios anseios.

- **Todos os seres aceitam e recusam em alguma medida os atributos que o Outro lhe atribui.**

Sujeito em uma análise

- **O sujeito é a bússola de uma análise.**

Trabalha-se com os fragmentos que aparecem, o material que não compõe com o eu, que funcionam como pontos cegos, que nos levam em direção ao sujeito, mesmo que nunca se chegue a ele completamente, pois não há sujeito puro.

Há menos fala do Outro quanto mais se aproxima da singularidade, dos fragmentos, silêncios, invenções. Aí está o ponto cego em relação à ordem simbólica.

Não se trata de idealizar o sujeito. Ele é a bússola na clínica porque, quem busca uma análise, o faz a partir de um sofrimento que, por sua vez, para ser tratado, é preciso que o eu seja subvertido, com o sujeito, com a singularidade. Desse modo, temos uma ferramenta clínica, e não uma gradação de valor entre o eu e o sujeito.

VII - O sujeito (II)

13/09/2016

Notas de aula por Luiza Dalalle

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Ponto ótimo [das Optimum]

- **Ninguém é totalmente eu nem totalmente sujeito.**

O ponto ótimo, para Freud, não é o meio termo, não é fixo. O ponto ótimo não representa a metade do caminho entre o eu e o sujeito. Cada um tem seu equilíbrio, que pode estar mais do lado do eu ou do sujeito, ou até mesmo no meio.

A expressão “ponto ótimo” aparece em Freud para dar conta de um comentário sobre a função da educação, na seguinte passagem:

Assim, a educação tem de escolher seu caminho entre o Sila da não-interferência e o Caríbdis da frustração. A menos que o problema seja inteiramente insolúvel, deve-se descobrir um ponto ótimo que possibilite à educação atingir o máximo com o mínimo de dano. Será, portanto, uma questão de decidir quanto proibir, em que hora e por que meios. E, ademais, devemos levar em conta o fato de que os objetos de nossa influência educacional têm disposições constitucionais inatas muito diferentes, de modo que é quase impossível que o mesmo método educativo possa ser uniformemente bom para todas as crianças. Uma simples reflexão nos diz que até agora a educação cumpriu muito mal sua tarefa e causou às crianças grandes prejuízos. Se ela descobrir o ponto ótimo e executar suas tarefas de maneira ideal, ela pode esperar eliminar um dos fatores da etiologia do adoecer – a influência dos traumas acidentais da infância (FREUD, 1933[1932], p. 147).

Podemos extrair dessa ideia, que aí se restringe à educação, uma definição mais abrangente de ponto ótimo, a partir da seguinte passagem no texto “O mal estar na civilização”, de 1930 – ainda que a expressão em si não apareça em tal passagem:

A despeito da deficiência [de minha enumeração, ver ([1])], aventurar-me-ei a algumas observações à guisa de conclusão para nossa investigação. O programa de tornar-se feliz, que o princípio do prazer nos impõe, ver [[1]], não pode ser realizado; contudo, não devemos – na verdade, não podemos – abandonar nossos esforços de aproximá-lo da consecução, de uma maneira ou de outra. Caminhos muito diferentes podem ser tomados nessa direção, e podemos conceder prioridades quer ao aspecto positivo do objetivo, obter prazer, quer ao negativo, evitar o desprazer. Nenhum desses caminhos nos leva a tudo o que desejamos. A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas. O homem predominantemente erótico dará preferência aos seus relacionamentos emocionais com outras pessoas; o narcisista que tende a ser auto-suficiente, buscará suas satisfações

principais em seus processos mentais internos; o homem de ação nunca abandonará o mundo externo, onde pode testar sua força. Quanto ao segundo desses tipos, a natureza de seus talentos e a parcela de sublimação instintiva a ele aberta decidirão onde localizará os seus interesses. Qualquer escolha levada a um extremo condena o indivíduo a ser exposto a perigos, que surgem caso uma técnica de viver, escolhida como exclusiva, se mostre inadequada. Assim como o negociante cauteloso evita empregar todo seu capital num só negócio, assim também, talvez, a sabedoria popular nos aconselhe a não buscar a totalidade de nossa satisfação numa só aspiração. Seu êxito jamais é certo, pois depende da convergência de muitos fatores, talvez mais do que qualquer outro, da capacidade da constituição psíquica em adaptar sua função ao meio ambiente e então explorar esse ambiente em vista de obter um rendimento de prazer. Uma pessoa nascida com uma constituição instintiva especialmente desfavorável e que não tenha experimentado corretamente a transformação e a redistribuição de seus componentes libidinais indispensáveis às realizações posteriores, achará difícil obter felicidade em sua situação externa, em especial se vier a se defrontar com tarefas de certa dificuldade. Como uma última técnica de vida, pelo que menos lhe trará satisfações substitutivas, é-lhe oferecida a fuga para a enfermidade neurótica, fuga que geralmente efetua quando ainda é jovem. O homem que, em anos posteriores, vê sua busca da felicidade resultar em nada ainda pode encontrar consolo no prazer oriundo da intoxicação crônica, ou então se empenhar na desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose” (FREUD, 1930, p. 90).

Articulando as duas passagens, extraímos a seguinte conclusão:

- **Ponto ótimo:** conciliar as satisfações que obtenho fazendo e sendo o que o Outro me oferece e exige, (as exigências da cultura, nos termos de Freud) e as exigências pulsionais. Equilíbrio entre **o que eu posso saber sobre mim e o que eu não sei sobre mim.**

O ponto ótimo não se conhece. Para delimitá-lo, só andando às cegas na análise (associação livre).

- **O analista também não sabe a verdade do sujeito. O sujeito é uma pergunta que guia o analista.**

A síntese entre os dois, eu e sujeito, estável e garantida, é impossível. Pode até existir por algum momento, mas é instável e temporária.

Podemos propor uma divisão artificial para dar conta didaticamente da diferença entre eu e sujeito:

Aristóteles

(destaca a esfera do eu, responde às questões da existência)

X

Sócrates

(destaca o sujeito, pergunta sobre a existência).

Sujeito e inconsciente

- **Se, como vimos, o sujeito é a bússola da análise, o inconsciente é seu motor.**

O sujeito é a bússola, é uma orientação. É preciso buscar o sujeito porque, no lugar daquilo que não se sabe saber, está o material inconsciente. É com o sujeito que aparece o material

inconsciente.

Aquilo que se concebe como realidade na vida, bem articulado e sem perguntas, diz respeito ao eu. O eu é uma função de desconhecimento do inconsciente. Quando se olha o eu, não se vê o sujeito. Quando não há lugar para o sujeito, quando o *ego* é sólido, todo certinho e adequado, o furo, o que não encaixa e perturba, virá como sintoma.

Sintoma

O sintoma, para Freud, é a operação de retorno do material que fora recalçado por não ser adequado às exigências culturais e, por isso, não pôde se representar.

- **O sintoma é uma solução de compromisso.**

Quando o ponto ótimo - um lugar no mundo de onde o eu responde em equilíbrio com o sujeito - é perturbado, surge um sintoma que tenta reequilibrar as coisas.

Ex: Imaginemos que quando o marido de Esther morre, suas amigas não suprem alguma necessidade que o marido supria e ela começa a chorar sem parar. Podemos dizer que esse choro seria um sintoma, na medida em que ele vem dar lugar ao que não pode ser respondido pelo eu. Ela sabe que não tem razão para estar chorando tanto, mas, mesmo assim, não consegue parar de chorar. *“Isso não sou eu, é a minha depressão”*, é a maneira que ela pode encontrar de situar no discurso isso que não se encaixa no eu. O eu não consegue responder ao buraco que se abriu à morte do marido.

- **A entrada em análise é dada, em geral, pelo sintoma.**

Essa fala sobre a depressão, por exemplo, poderia ser a demanda de Esther endereçada ao analista, a partir da qual ela poderia produzir falas de sujeito e entrar em análise.

Entre Esther e Daniela

Esther poderia buscar uma análise porque fica doente, tem um sofrimento que aparece sob a forma de sintomas, que poderiam ser endereçados a uma análise. Daniela não parece formar uma queixa a partir de um sofrimento, o que seria aquilo que, classicamente, levaria alguém a buscar um analista.

Ambas poderiam entrar em análise, embora alguém como Esther seja, classicamente, alguém que chega mais comumente ao consultório do analista.

Quem chega ao consultório é o eu. A análise vai tratar de abrir o discurso para a interrogação que é o sujeito. Algumas pessoas buscam uma análise quando alguma situação rígida se fragmenta/entra em crise, por exemplo.

- **Não existe inanalísável. Basta que alguém enderece uma fala a um analista para que haja a possibilidade de haver análise.**

O analista só pode operar como tal quando alguém endereça alguma questão a ele. A análise busca as falas de sujeito que podem aparecer no discurso em questão.

- **O sujeito é um furo no Outro.**

Tal como qualquer furo, dizemos que está fora, por um lado, mas também está dentro de nós. Daniela, por exemplo, deixa aparecer em seu discurso o desencaixe da ordem simbólica, da sociedade – o furo no Outro. É nesse sentido que poderíamos dizer que ela está fora do Outro. No entanto, totalmente fora do Outro ninguém está. Totalmente dentro do Outro também não, já que há sempre um furo. O eu é sempre furado no Outro pelo sujeito.

O sujeito é um ponto cego em um “polo de atributos”, no dizer de Lacan. Esses atributos são os “significantes” que, por ora, chamaremos de ideias, desejos, etc.

“A fala é um ato que supõe um sujeito”

- **Trata-se, em análise, de uma fala que não sirva apenas à comunicação, e sim de uma fala que vise a uma verdade. Supõe-se, então, a função sujeito.**
- **Uma fala que tenta dizer a verdade supõe a função sujeito.**

Lidamos, no dia a dia, com as falas do eu. Sempre há, contudo, algo na fala que ainda não se disse ou não pode ser dito. O querer dizer é diferente do que está sendo dito. O querer dizer é o sujeito. Quando uma fala é integrada, visando apenas à comunicação, trata-se de uma fala egoica. Se há fala, há um ponto cego, e só há fala porque há um ponto cego.

- **O eu é feito de estabilidades fundadas em certezas supostamente verificáveis e verdadeiras. A certeza do eu só é uma certeza porque continuamente avalizada pelo Outro.**
- **O sujeito é feito de instabilidades calcadas no fato de que há uma verdade que não é conhecimento verificável ou da ordem do verdadeiro. Forçando a função sujeito, aparece o material inconsciente. O inconsciente é o material que vem no lugar do sujeito. Ele vem com uma força de verdade, porque vem no lugar do furo do Outro.**
- **O eu e o sujeito são funções do ser falante.**

A manifestação do símbolo, a morte da coisa e a eternização do desejo

Para Lacan, não existe nada no sujeito, pois ele é um furo. Quando usamos a expressão “no sujeito”, estamos falando da pessoa, e não do sujeito como conceito.

Só somos alguém no Outro. O ser falante se constitui como coisa que recebeu uma enxurrada de sentidos vindos do Outro, daquilo que ele deve ser em relação ao Outro, antes mesmo de nascer. Ele recebe uma espécie de manual para viver do Outro.

- **A função sujeito é o ponto cego do Outro em nós.**

O que se apresenta como mais próximo do ponto cego é o que chamamos de fala de sujeito. Quando falamos, só podemos fazê-lo na língua do Outro. As falas de sujeito aparecem na língua do Outro, como equívocos, por exemplo. Assim, esse ponto cego se aproxima do real.

- **Próximo do eu - prazer. Todo prazer é compartilhado**
- **Próximo do sujeito - gozo. O que não é compartilhado.**

A “coisa” é o que haveria fora do Outro

Às vezes, Lacan usa o termo “A Coisa” para situar o que todos querem alcançar, o real em si, a coisa em si e não o modo do Outro de olhar e viver essa coisa. **A coisa em si é inacessível diretamente para todo aquele que fala.**

- **Coisa não é sinônimo de sujeito. O sujeito é o furo no Outro. É o índice de que há uma verdade da qual só podemos chegar perto, mas não podemos saber por completo.** A coisa existe, mas só podemos saber dela a partir do Outro, parcialmente, na medida em que ele é furado.
- **O assassinato da coisa é condição para que se entre no mundo.** Ao entrar no Outro, perde-se a coisa. Não podemos chegar ao real, pois somos seres constituídos na cultura, e para que isso ocorra, é preciso haver uma perda fundamental; a morte da coisa em si.

Por ora, entenderemos a coisa como equivalente ao real.

Quando o ser falante nasce, há uma perda do gozo absoluto da simbiose com a mãe. Essa perda é condição necessária para que ele entre no mundo e se constitua no Outro.

O Outro negativiza a coisa, porque não é possível chegar no real sem as lentes da linguagem, sem haver perda de gozo. Isso só aparece como furo, ponto cego no Outro. A busca por isso que é furo, que é ponto cego, é uma busca assintótica.

- **O desejo é esse movimento de buscar assintoticamente aquilo que foi perdido na entrada na linguagem. Isso é a eternização do desejo.**
- **O desejo é sempre insatisfeito. Nunca é desejo de alguma coisa, mas sempre de outra coisa.**
- **O sujeito está para a insatisfação, e o eu para a satisfação.**

Quando o movimento do desejo é saturado, dizemos que se trata de uma situação gozo, que é bem próximo da angústia.

A análise não visa a encontrar o real em si, mas **as falas de sujeito que são as vivências que foram vividas pelo eu, mas que em dado momento não mais couberam nele. São elas que têm o maior poder de reconfigurar o eu.**

IX - O eu

20/09/2016

Notas de aula por Paula Dias

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Segundo Lacan, o eu é aquele que diz sobre o que se acha que se é.

Só é possível ser alguém quando inserido em uma cultura. O eu é constituído por aquilo que o Outro diz dele.

- **O eu só é no Outro (cf. Rimbaud “*Je est un autre*”)**

Na vida, precisamos de certezas, as quais nos serão concedidas graças à função do eu. No entanto, essas mesmas convicções são, na verdade, muito mais frágeis do que imaginamos, já que precisamos sempre do Outro para reafirmá-las. Lacan sustenta a ideia do eu constituído no Outro e é com o intuito de ilustrar sua teoria sobre a constituição do eu que nos apresenta à metáfora do estádio do espelho.

O bebê se olha no espelho e, a princípio, aquela imagem lhe diria quem ele é. Porém, para que se reconheça ali como uma unidade (ou seja, com um eu constituído numa forma *gestáltica*), esse bebê procura no olhar do Outro - por exemplo, a mãe - reassegurar a certeza de que é ele refletido no espelho. É a imagem no espelho em conjunção com o que esse encontro com o olhar da mãe, por exemplo, diz sobre ele, que lhe permitirá assumir uma unidade egoica, antecipando uma certeza que se reafirmará no Outro, mas também fracassará ali.

Aforismos lacanianos que nos servem de ponto de partida para estudar o eu:

- “(...) quanto mais este [o *ego*] se elabora, mais se aprofunda no sujeito a alienação de seu gozo.” (LACAN, 1956. Em *Escritos*, p. 251)
- “(...) o que permitiu a Freud fazer a descida por ele [pelo imaginário] até o tesouro com que seus seguidores enriqueceram foi a determinação simbólica, na qual a função imaginária se subordina (...).” (LACAN, 1956. Em *Escritos*, p. 466)
- “E não concebemos o Eu senão como um sistema central dessas formações [identificações ideais], sistema que é preciso compreender, à semelhança delas, na estrutura imaginária e em seu valor libidinal.” (LACAN, 1950. Em *Escritos*, p. 179)
- “A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.” (LACAN, 1949. Em *Escritos*, p. 97)
- O eu “(...) é constituído em seu núcleo por uma série de identificações alienantes (...).” (LACAN, 1955. Em *Escritos*, p. 418)
- “(...) quanto mais este [o *ego*] se elabora, mais se aprofunda no sujeito a alienação de seu gozo.” (LACAN, 1956. Em *Escritos*, p. 251)
- “O Eu, eis esse olho, diríamos nós, (...) que nunca se evidencia tanto quanto ao servir à lei de um outro, muito exatamente sofrendo-a por se defender dela, a partir de desconhecê-la.” (LACAN, 1961. Em *Escritos*, p. 674)
- “O eu (...) é função de domínio, jogo de imponência, rivalidade constituída.” (LACAN, 1960. Em *Escritos*, p. 823)
- “Com efeito, é na desagregação da unidade imaginária constitutiva do eu que o sujeito encontra o material significante de seus sintomas.” (LACAN, 1955. Em *Escritos*, p. 428)

As certezas egoicas e a verdade que busca a psicanálise

As certezas egoicas, para se constituírem, precisam se reafirmar a partir de alguém que recubra com significantes a imagem refletida no espelho. Não se trata, nessa certeza, de

devolver a imagem exata daquele que se olha, e sim de um espaço de edição de si mesmo. Isso traz um efeito de cópia, constitui um espaço em que o eu se encontra e se estabiliza como unidade. Essa unidade, no entanto, é falha; não é real.

- **Para Lacan, espelho é sinônimo de mimetismo e não reflexão.**

A criança vai tentar ser e se constituir a partir do que o Outro é. As certezas que se constituem no estádio do espelho, nessa edição do eu, não são totalmente firmes e, constituem o eu, mas também permitem destruição e reconstrução do eu.

A criança antecipa, na imagem que esse Outro lhe oferece, a sua própria imagem.

Para Lacan, o *infans*, isso que ainda precisará constituir para si uma imagem unitária na forma de um eu, seria como um “um conjunto caótico de sensações orgânicas” (BROUSSE, 2009, p. 3) em que nascemos.

A presença do Outro irá se apresentar como fundamental na constituição da função do eu.

A partir do momento lógico que envolve o bebê e o Outro, a que Lacan deu o nome de estádio do espelho, algo de definitivo ocorre e uma unidade se constitui: a do eu.

- **Constitui-se, nesse momento, uma matriz simbólica, ou seja, uma estrutura a partir da qual se desencadearão múltiplas narrativas do imaginário, aquelas que definem o eu.**

A psicanálise busca o sujeito

A mãe também serve para o bebê como um espelho. Nós nos vemos no espelho do outro, e isso envolve inúmeros participantes. Esse processo geralmente é bem sucedido, embora fracasse, às vezes, já que existem coisas que não cabem no outro. Podemos chamar essas coisas de material inconsciente.

- **É com o pequeno outro que esse eu, constituído nessa unidade imaginária, vai dialogar e criar narrativas de si mesmo.**

Uma matriz se constitui e, uma vez o eu formado, ele estará sujeito a reafirmações e reformulações ao longo da vida.

O eu e o sujeito

A partir do momento em que a matriz simbólica se precipita, restam também “pontos cegos”. Isso porque, quando vestimos a imagem que o outro nos oferece, perdemos aquilo que chamamos de “a coisa”, anterior à incidência do Outro e à formação do eu.

- **Isso que se perde para entrar no Outro deixa um resto que insiste e aparece como pontos cegos, enigmas, equívocos, etc.**

Não encontramos resposta para a pergunta do que haveria de mais singular, pois tudo que encontramos, com a fala, já está na cultura e no Outro. Só podemos falar a partir da língua do Outro e isso implica, necessariamente, em uma perda. Podemos dizer de uma aproximação da singularidade, com a função sujeito.

Esse espelho do outro é uma imagem, um enquadre do real. Ou seja: essa imagem do eu não

é o eu real, não equivale ao real. Quando essa imagem ou o discurso se aproxima do real, significa que a função do eu, que nos permite uma unidade imaginária, está falhando e, aí, podemos dizer que estamos mais próximos da função sujeito. Contudo, nunca chegaremos a alcançar essa coisa que é o ser real.

- **Só podemos dizer quem somos a partir do que o Outro diz de nós. Existirá, contudo, sempre algo que não pode ser dito, que o Outro não pode recobrir, mas incide como lugar vazio ocupado pela função sujeito.**

Nesse sentido, a metáfora do estádio do espelho nos diz de um processo que, ao mesmo tempo, unifica e aliena o que existe nesse caos orgânico inicial do ser. Aquilo que o Outro diz de nós não nos definirá totalmente e o sentimento de unidade sempre será limitado, sendo exatamente esse furo o que permite uma diferenciação do outro, semelhante.

Matriz alienante

O Outro funciona, então, para o bebê, como um espelho. O caos orgânico ganha uma unidade quando algumas das excitações desse ser obtêm uma forma, o que é vivido como uma experiência de prazer pelo bebê, definida por Lacan como experiência jubilatória, na assunção da imagem especular. Contudo, essa unidade prazerosa logo será furada pelas excitações que, por sua vez, não foram unificadas.

- **A pulsão excedente faz um furo no próprio eu, recém conquistado. É por isso que essa matriz simbólica é mais frágil do que pensamos, visto que é, ao mesmo tempo, unificadora e alienante, ao que nos afasta da coisa em si.**

Somos um polo de atributos que passa a exercer pressão no corpo. O bebê não se enxerga como separado dos pais, e é preciso instituir esse limite para que se crie sua especificidade.

Quando nada nos falta e há a unificação, caracteriza-se um momento de prazer que, logo em seguida, será furado por algo que busca outro tipo de satisfação. Não existe o durável e absoluto.

Ao longo da vida, vivemos momentos passageiros de unidade, que vão reafirmando nosso eu.

Por fim...

- **O estádio do espelho nos ensina, então, que: é a entrada do caos orgânico na cultura, no Outro, que permite a constituição de uma matriz simbólica na qual o eu se precipita. Não existiria, portanto, uma matriz simbólica original e sim primordial; lógica e não cronológica.**

Podemos tomar a unidade familiar, metaforicamente, como uma “peça de teatro primordial”. Nela existem as fantasias pré-existentes para constituirmos nosso eu.

- **Ao mesmo tempo em que o eu é tudo aquilo que pensamos saber sobre nós, ele é furado e, por isso, é fundamentalmente um lugar de desconhecimento.**

Lacan utiliza as expressões “eu ortopédico” e “eu armadura” ao se referir à função do eu. O eu apresenta, então, uma artificialidade que permite nos encaixarmos no grande Outro, sendo um eu que protege e, ao mesmo tempo, um eu que aliena.

Eu → imaginário; fala que visa à comunicação.

Sujeito → o mais próximo da verdade; ponto cego na fala; efeito.

- **No trabalho psicanalítico, o encontro com as falas de sujeito podem produzir uma reconfiguração do eu.**
- **Nós somos seres que “vivemos numa língua estrangeira” (a do eu), afastados da verdadeira “língua materna” (a do sujeito).**

VIII - O eu (II)

15/09/2016

Notas de aula por João Tonini

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Vimos que o sujeito nos leva à pergunta: o que há de mais singular no ser falante?

Há um sentimento de que existe algo de mais idiossincrático e inexplicável do que aquilo que traduzimos na língua do Outro.

Nós somos no Outro; o que é no Outro é o eu.

O furo no Outro é o nome do sujeito, e o sujeito é o que mais se aproxima do real.

A cultura é “furada”.

Agora temos que examinar como, a partir da cultura, constitui-se o eu.

Estádio do espelho

- **O que é a fundação do eu, a partir da clínica psicanalítica?**

Concepção oposta ao “penso, logo existo”, de Descartes.

Estádio e não estágio: metáfora de uma luta de opostos, em que há uma muralha, o campo fortificado, mas também os escombros e pântanos. Além disso, não se trata de estágios porque não é uma lógica desenvolvimentista ou cronológica. Trata-se de um momento lógico primordial na constituição do eu, cuja metáfora do espelho serviu a Lacan para localizar essa constituição.

- **Trata-se de uma metáfora para falar do ato de estabilização do eu à imagem da criança que se olha no espelho junto a alguém.**

Reconhecimento do bebê (*infans*, filhote do homem, caos orgânico) frente ao espelho e à imagem refletida. Constituição do corpo imaginário. Corresponde ao que Freud chamou de “narcisismo primário”

Esse ato provoca uma experiência lúdica de reconhecimento dos movimentos do corpo ainda não unificado e dos objetos ao seu redor, reduplicados no espelho.

Experiência lúdica de prazer entre o bebê e o Outro.

- **Experiência jubilatória, constitutiva, de um prazer específico. No que o bebê assume e se identifica com a imagem no espelho, ele passa a se sustentar nessa imagem, nessa unidade.**

A imagem do bebê é constituída a partir dos atributos que vêm do Outro; alguém diz o que ele é.

- **Momento de formação de uma “matriz simbólica na qual o eu se precipita em uma forma primordial”, para depois ser dialetizado na relação com seus semelhantes (pequeno outro), imaginariamente.**

A formação do eu é o que possibilita que se deem as relações imaginárias, mas também o advento do sujeito, como furo no Outro.

É na língua do Outro que essa operação acontece.

A imagem do espelho, quando assumida como certeza, produz a forma de um corpo como unidade. Essa imagem é mais ou menos bem fixada, mas suscetível às “turbulências”, ao que perturba a ordem e a unidade porque se aproxima do real, do furo no Outro.

Unidade *gestáltica* do corpo se forma a partir da imagem especular.

- **Função do estádio do espelho: produzir um laço entre o organismo (caos orgânico) e a realidade especularizável.**

Esse momento é decisivo naquilo que será a história daquele ser. Tem um efeito estruturante. Ao mesmo tempo ele deixa um lugar para o furo.

- **O bebê olha para a mãe, olha para o espelho; já não encontra aquela certeza do que é ele no olhar materno. Encaminha-se, assim, a constituição do desejo, sempre insatisfeito.**

- **Pergunta que movimenta o ser falante: "O que eu sou no desejo do Outro?"**

• Instaure-se uma linha de ficção. Essa identificação à imagem é um engodo, uma ficção donde pode se estruturar o que Lacan chamará de fantasia fundamental, uma ficção que responda à pergunta “o que sou eu como furo no Outro?”, de modo a garantir um lugar mais ou menos estável no mundo.

- **Insuficiência do corpo despedaçado** - sem o laço que se produz com a imagem no espelho, sem essa unidade corporal forjada, não podemos estar no mundo compartilhado.

• **Antecipação** – assunção da imagem identificada ao eu a partir do Outro; perde-se algo. Pulo lógico de certeza assumida no Outro; perda de alguma coisa para se alienar como unidade imaginária identificada a um lugar suposto no desejo do Outro; “forma ortopédica”.

A formação da unidade imaginária se dá a partir de uma alienação no Outro.

- **Assim se constitui o eu, “armadura”, estrutura rígida.**

A relação do eu com seus semelhantes é imaginariamente inesgotável.

O corpo despedaçado não é substituído pela imagem. Ele aparece nos momentos em que o eu, por um motivo ou outro, desintegra-se. Nos sonhos, por exemplo, ou nos sintomas conversivos.

Resumindo e recapitulando a operação do estádio do espelho:

- Há um outro que media o olhar do bebê para a imagem refletida no **espelho**;
- Esse **outro** usa palavras para isso. Por exemplo: “esse bebê é Fulaninho, muito fofo, parece um urso”, ou qualquer coisa do gênero;
- Isso provoca um **júbilo** tal na criança que, nessa operação (que se repete), ela se identifica a essa imagem como unidade corporal, o eu;
- Nessa repetição da experiência jubilatória, ela recorre ao **olhar** da mãe na busca de reassegurar a certeza que se antecipou;
- Isso que ela busca já não pode mais ser encontrado;
- Assim se instaura a dimensão do **desejo**. O movimento de buscar uma equivalência àquela satisfação perdida;
- Aí se constitui a **fantasia**, fundada na pergunta “o que sou eu no desejo do Outro?”;
- Também se delinea a direção de um eixo infinito em que o eu se dirige aos seus **semelhantes**, no registro do imaginário, com os enredos que tentam dar conta da dimensão desejante que perturba o eu;
- O **sujeito** aparece como furo nisso que o eu tenta encaixar muito bem no Outro.

Quando o corpo despedaçado recoloca para o ser falante, à revelia do eu, esse desencaixe, a falta de resposta, os pontos cegos, é o sujeito que advirá, na impossibilidade de responder à pergunta sobre o desejo do Outro e na dimensão de que o desejo é sempre insatisfeito.

Analista X Assistencialista

Essa concepção de eu e sujeito coloca o analista fora do assistencialismo, pois há uma suposição de impossibilidade para todos (analista e analisando).

- **Nessa suposição de que há uma verdade que o eu e o analista desconhecem, mas que essa verdade aparece nas falas de sujeito (como equívocos, perguntas, pontos cegos, etc.), definimos um campo com que podemos trabalhar, concreto: as falas de sujeito.**

X – O Inconsciente

22/09/2016

Notas de aula por Célia Novaes

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Aforismos lacanianos de ponto de partida:

- “Essa paixão do significante, por conseguinte, torna-se uma nova dimensão da condição humana, na medida em que não somente o homem fala, mas em que, no homem e através do homem, isso fala, em que sua natureza torna-se tecida por efeitos onde se encontra a estrutura da linguagem em cuja matéria ele se transforma, e em que por isso ressoa nele, para-além de tudo o que a psicologia das ideias pôde conceber, a relação da palavra.” (LACAN, 1958. Em *Escritos*, p. 695).
- “(...) a linguagem é a condição do inconsciente.” (LACAN, 1970. Em *Outros Escritos*, p. 404).
- “Essa exterioridade do simbólico em relação ao homem é a noção mesma de inconsciente.” (LACAN, 1956. Em *Escritos*, p. 471).
- “O inconsciente (...) é estruturado como uma linguagem.” (LACAN, 1972. Em: *Outros Escritos*, p. 499).
- “Isso pensa um bocado mal, mas pensa com firmeza, pois foi nesses termos que ele [Freud] nos anunciou o inconsciente: pensamentos que, se suas leis não são de modo algum as mesmas de nossos pensamentos de todos os dias, nobres ou vulgares, são perfeitamente articulados.” (LACAN, 1959. Em: *Escritos*, p. 554).
- “Isso fala no Outro, dizemos, designando por Outro o próprio lugar evocado pelo recurso à palavra, em qualquer relação em que este intervém.” (LACAN, 1958. Em *Escritos*, p. 696).
- “O inconsciente do sujeito é o discurso do outro.” (LACAN, 1956. Em *Escritos*, p. 266).
- “Com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele, e é aí que ele se apreende, e tão mais forçosamente quanto, antes de – pelo simples fato de isso se dirigir a ele – desaparecer como sujeito sob o significante em que se transforma, ele não é absolutamente nada.” (LACAN, 1966. Em *Escritos*, p. 849).
- “(...) o inconsciente é o discurso do Outro.” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 18).
- “(...) o Outro é o lugar da memória que ele [Freud] descobriu pelo nome de inconsciente (...)” (LACAN, 1959. Em *Escritos*, p. 581).
- “(...) a memorização de que se trata, no inconsciente – freudiano, entenda-se -, não é do registro que se supõe à memória, na medida em que esta seria a propriedade do vivente.” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 46).

O inconsciente freudiano

- **O inconsciente freudiano é Hiância (hiato) e texto (Lacan, 1985, p. ??).**
- O inconsciente é o que surpreende, mas é texto, está na fala e não em outro lugar.

O inconsciente é um furo, o vazio, um hiato, mas tudo isso não aparece apenas como silêncio, surpresa, mas como um achado, achado de um fragmento de lembrança ou sentimento ou fala que retorna. A experiência da psicanálise traz algumas falas como esse texto que, muitas vezes, nos surpreende e que nós só conseguimos dizer com as palavras do Outro, na língua do Outro, mas que não são falas na língua do eu.

O inconsciente aparece como histórias e cenas. Ele é texto porque assume forma, gosto, cheiro, que vêm do Outro, mas não compõem com o eu.

Esse material inconsciente aparece naquilo que chamamos de falas de sujeito. Esse é o inconsciente freudiano, para Lacan.

O inconsciente freudiano não é constituído de coisas não conscientes - não é o que aconteceu e causa vergonha, por exemplo.

- **O inconsciente é o conteúdo que se apresenta quando falamos, à revelia do eu, fazendo furo no discurso.**

O eu tem uma parte consciente e pré-consciente, como denominou Freud.

❖ Referência de leitura: em seu Seminário 11, Lacan retoma quatro conceitos fundamentais de Freud, dentre eles, o inconsciente. A leitura das lições referentes a esse conceito neste Seminário é fundamental para apreender aquilo que Lacan define como o inconsciente freudiano.

Nesse Seminário, Lacan reforça que o fundamental na experiência da psicanálise não é procurar, no sentido de supor um material escondido a ser revelado, mas sim encontrar, no sentido de escutar aquilo que se apresenta no texto da fala como furo, hiância.

- **O material inconsciente não está escondido nas profundezas para vir à tona em análise. Ele está na fala, na superfície, fazendo escansão no discurso bem montado pelo eu, equivocando-o.**

Gilmar: o inconsciente em Eduardo Coutinho

Temos a fala de Gilmar, apresentada no filme “As canções” (2011), de Eduardo Coutinho, que exemplifica o encontro com o inconsciente. Sua fala ilustra o paradoxo e a hiância no texto da fala. O modo como se apresenta a fala de Gilmar mostra uma abertura para o inconsciente, não como segredos que não poderiam ser lembrados ou falados, mas como lembranças que aparecem de uma maneira tal que surpreende; escandem o imaginário que sustenta a fala do eu.

As expressões “Eu nem sabia que sabia” ou “Eu nem lembrava que podia lembrar”, por exemplo, marcam o entendimento de inconsciente freudiano para Lacan, porque apontam, justamente, para isso que está na fala, mas emerge, de maneira contingente, como furo na fala apoiada no eu.

- **O inconsciente freudiano é uma parte que nos constitui, mas desconhecida pelo eu (função de desconhecimento).**

A descoberta do inconsciente por Freud acontece com a possibilidade que ele abre com a invenção do dispositivo analítico: a pessoa fala o que lhe vier à cabeça e alguém escuta o que é dito segundo a regra da associação livre. O inconsciente pode aparecer aí.

A partir do encontro com esse material inconsciente, o analisando pode vir a reconfigurar seu eu.

Isso que advém na fala como furo, hiância, será para Lacan o sujeito do inconsciente.

- **O inconsciente é o material que se apresenta quando, numa abertura do discurso, apresenta-se a função de sujeito, furando o eu.**

Por que inconsciente freudiano?

Lacan insiste muito em dizer que se trata do inconsciente freudiano para dizer que está se referindo, precisamente, ao inconsciente tal como a experiência freudiana o fundou, e não ao inconsciente tal como foi apropriado por alguns pós-freudianos ou pela cultura de massa que o caracterizam como material oposto à consciência. Para haver analista em uma sessão, é preciso que o inconsciente freudiano esteja em questão.

Normalmente, quando essa hiância se produz no discurso é quando fazemos algo de diferente, algo que não é a colagem habitual do eu e provoca esse efeito de fenda. É esse efeito que será capitalizado em uma sessão de análise.

Em geral nos escandalizamos com efeito de fenda, porque o campo do eu nunca nos deixa “no buraco”. Na hora que esse buraco no campo do eu aparece, a tendência é que se tente explicar esse buraco através de várias interpretações.

- **O analista é aquele que, diante dessa abertura, vai se perguntar o que há ali, ao invés de pretender dizer o que há ali.**

- ❖ Referência da representação da fenda – Walter Carvalho, Ofício em Cena – Globo News: [walter carvalho e o sujeito do inconsciente](#)

O afeto não é inconsciente

Muitas vezes, quando a emoção se abre, como no choro, ela vem na tentativa de resolver o impasse do eu frente à abertura do inconsciente, e a emoção faz com que nosso eu possa se reencontrar e se estabilizar (ref. Vieira, *A paixão*).

Gilmar nos dá um bom exemplo dessa abertura do inconsciente. Ele tem uma cena guardada no passado, que aparece carregada de intensidade quando vem à tona. Uma intensidade que nunca havia aparecido desse modo antes, apesar de ser uma cena já lembrada anteriormente. Podemos pensar que a maneira que o eu teve de reagir a essa intensidade foi chorando, e isso não significa que “lá no fundo” exista uma tristeza. A tristeza já é um sentido que vem a recobrir isso que aparece num instante como furo.

- **Freud afirma que não há afeto no inconsciente, tal como ele o define (FREUD, 1905). O afeto é da ordem do eu.**

- ❖ Referência – Texto de Clarisse Lispector – O Amor

XI – O Inconsciente (II)

27/09/2016

Notas de aula por Deborah Castro

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

O inconsciente freudiano

- **O inconsciente freudiano é uma função de emergência da verdade e não de conteúdos escondidos em algum lugar.**

- **Se o consciente é o discurso do outro, o inconsciente é um discurso Outro em mim.**

Se o Outro não incide, não existe vida. Mas esse Outro responde pela existência em certa medida. O simbólico recobre o real em parte, ou seja, esse recobrimento é furado. Isso que é

ponto cego do Outro, vazio, é imprescindível para que se mantenha viva uma unidade. Esse furo imprescindível é a função do sujeito.

O objetivo da psicanálise é investigar o material que se apresenta como ponto cego, que gera estranheza por ser algo que não compõe com o eu, mas, ao mesmo tempo, pode trazer uma reconfiguração do eu.

O inconsciente é o material que não compõe com o eu.

- **A função de uma análise é favorecer que materiais inconscientes possam reconfigurar o eu.**
- O material que busca uma análise é a memória que se apresenta, e não uma memória supostamente escondida.
- O inconsciente é dinâmico. Não se trata de conteúdo inconsciente, mas de um movimento de abertura e fechamento do inconsciente em brechas que furam o eu.

Afeto

Como já mencionamos, não há afeto inconsciente. O afeto não está definido no material inconsciente, e sim no lugar do eu. É uma tonalidade qualitativa da descarga libidinal. Essa tonalidade não está gravada, o que fica guardado é a libido, em termos freudianos.

É a reação do eu frente ao advento de uma cena inconsciente que se apresenta:

Cena (Lacan a chama de significante) + Carga (libidinal) = Sentimento

Exemplo da canção da mãe de Gilmar, lembrada por ele no filme “As Canções”, de Eduardo Coutinho: esse fragmento de memória, por algum motivo, não encaixou no eu. Quando ele aparece com a carga que apareceu no momento da filmagem, ele vem no lugar no sujeito. O afeto – choro, por exemplo – já é um tratamento à quantidade que aparece ao advir o sujeito. Numa análise, não se trata de atribuir sentido a isso que aparece.

- **O afeto é um modo de escoar a carga por caminhos pré-fixados pelo Outro (as emoções são também parte do pacote da cultura, do Outro). Para Freud, o afeto é a qualidade com que a descarga libidinal se apresenta no eu.**
- **A quantidade está na carga. E a singularidade? Está nos elementos da cena, no que Lacan chamará de significantes. Eles compõem uma trama feita de texto (os significantes), mas também hiância (a carga).**

Uma lembrança é recalçada porque não condiz com o eu. O inconsciente, o material recalçado, insiste e regula o eu.

- Aquilo que não cabe no eu aparece como furo no lugar do sujeito. O sujeito é, assim, para Lacan, **sujeito do inconsciente**.

Formalização de alguns termos que vimos até agora:

- **A** = (grande) Outro: é o acervo/tesouro da cultura. Tesouro no sentido de dicionário. A mãe é o acervo da cultura que oferece a possibilidade de uma unidade pra criança, por exemplo. Encarnação do mundo. Material que está fora das relações habituais, aparece no lugar do sujeito como furo; não diz quem ele é.
- **a** = (pequeno) outro: São nossos semelhantes, nossas relações habituais, indivíduo.
- **a - a'**: Relações habituais, imaginárias, entre os semelhantes. Recebemos nossa imagem

especularizável do outro; a imagem do eu. Essa imagem atualiza o eu.

- $\$$ - Sujeito barrado. Lugar onde aparecem fragmentos do grande Outro. Fragmentos que aparecem como furo no lugar do sujeito.

Fórmula que condensa as relações entre eu, outro, Outro e sujeito:

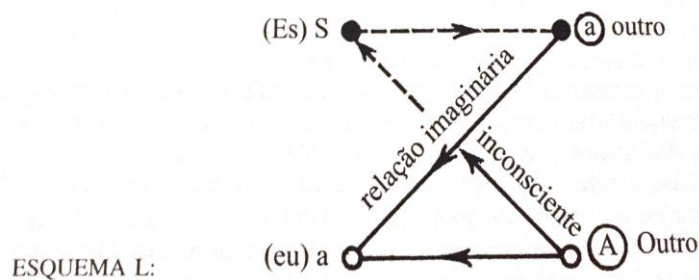
$$(?)\$ \quad a - a' \quad A$$

O ponto cego, furo que vem do acervo do Outro, aparece no lugar do sujeito.

O material que vem do Outro não diz quem é o sujeito; aparece nesse lugar como pergunta a que o Outro não responde. Também está fora das relações habituais imaginárias, visto que é furo no próprio eu.

Esquema L

A estrutura de relações entre o sujeito, eu, outro e Outro foi descrita por Lacan, em 1956, com o esquema L. Esse esquema sofreu diversos acréscimos e alterações ao longo do ensino lacaniano, mas, por ora, serve para nós como ilustração dessas relações:



(LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 50)

- **O inconsciente funciona em um jogo estruturado em lugares e funções.**

No espaço vazio do sujeito é onde aparece o material inconsciente.

No começo de seu ensino, Lacan chamou esse furo de simbólico.

- **O Outro é o lugar da memória que pode aparecer na função inconsciente, no lugar do sujeito do inconsciente.**

Por ora, tomaremos o sujeito como equivalente ao isso (*es*).

"Isso pensa" porque é um fragmento do Outro. Os sonhos são pensamentos, por exemplo. Esses pensamentos não são do eu, jogam o jogo da linguagem e aparecem no lugar do sujeito do inconsciente. São pensamentos sem a organização do eu, mas com mais intensidade.

XII – O Significante (I.i)

29/09/2016

Notas de aula por Brunna Meneguelli

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Aforismos que nos servem como ponto de partida:

- “(...) é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas (...) nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento.” (LACAN, 1957. Em: *Escritos*, p. 506).
- “A segunda rede, do significado, é o conjunto diacrônico dos discursos concretamente proferidos (...)” (LACAN, 1955. Em *Escritos*, p. 415).
- “(...) se foi primeiro na materialidade do significante que insistimos, essa materialidade é *singular* em muitos pontos, o primeiro dos quais é não suportar ser partida.” (LACAN, 1957. Em: *Escritos*, p. 26).
- “(...) cada elemento adquire nela [na cadeia significante] seu emprego exato por ser diferente dos outros (...)” (LACAN, 1955. Em *Escritos*, p. 415).
- “O significante só tem sentido por sua relação com outro significante.” (LACAN, 1966. Em *Escritos*, p. 234).
- “(...) as imagens do sonho só devem ser retidas por seu valor de significante (...)” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 514).
- “Freud exemplifica de todas as maneiras que esse valor de significante da imagem nada tem a ver com sua significação (...)” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 514).

Oposições cartesianas

Para introduzir o conceito de significante, é necessário antes esvaziar a crença absoluta nas oposições cartesianas.

Exemplos: corpo x alma; coração x cérebro; prática x teoria. Mesmo aquilo que é aparentemente espontâneo em sua constituição é codificado pelo Outro. Do mesmo modo é necessário também não se fazer valer da oposição afeto x representação.

- **Para Lacan, a coisa não pode ser tomada dissociada da palavra, como oposição** (porque, como vimos, a palavra da coisa é o que temos, não temos acesso às coisas a não ser a partir da linguagem).

Para Lacan, o dualismo cartesiano está agregado à experiência no senso comum. Nas intensidades da vida, essa dualidade – corpo x alma - serve pouco, e numa análise ela atrapalha. Essa dualidade é limitada para abordar experiências como a arte, paixão, sexo, por exemplo; experiências intensas e periféricas.

Freud, segundo Lacan, não é dualista como Descartes, mas estaria mais próximo do paralelismo de Spinoza.

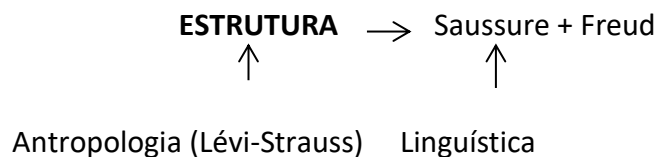
Mas será com o estruturalismo que Lacan encontrará um modo de traduzir o fazer freudiano da maneira mais precisa.

- Com a teoria freudiana, Lacan propõe uma ferramenta clínica alternativa ao dualismo cartesiano: tomar a linguagem como estrutura. Isso é vital para a psicanálise.

A palavra “estrutura” é muito importante no entendimento da teoria dos significantes. Lacan a tomou da antropologia e da linguística para, a partir daí, reler Freud:

Descartes (dualismo)	Spinoza (paralelismo)
Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino; Incorporado ao senso comum.	Freud, Saussure, Lacan, Lévi-Strauss; ESTRUTURA

Saussure foi o linguista que serviu de base para Lacan fundar sua teoria dos significantes. Para Lacan, Freud partiu da neurologia para dizer o que Saussure falou com a linguística. Para Lacan, Freud não era dualista.



Trabalhamos na psicanálise com a narrativa dos fatos

- Freud criou um dispositivo clínico baseado na narrativa dos fatos, e não nos fatos em si. Esvazia-se a diferença entre a coisa e sua representação.

Ou seja, para a prática psicanalítica freudiana, não pode existir um dualismo que oponha o fato à narrativa do fato. Logo, na prática clínica, o fato em si não importa, e sim a maneira como ele é narrado, como foi vivenciado, quais as sensações experimentadas, qual sentido foi dado pelo indivíduo para determinada experiência.

- A realidade que importa numa análise é aquela narrada – realidade psíquica em Freud. O analista não é a medida da realidade.

Ainda segundo Freud, a representação não é a separação da coisa concreta da imagem da coisa. Essa teoria da representação como *mimesis* é cartesiana, de uma imagem falsa que se supõe equivalente ao verdadeiro, e não o que Freud propôs. Vale lembrar ainda que, no recalque, a representação é recalçada e não o afeto.

A teoria do significante de Lacan é a adequada para a teoria da representação de Freud, nesse entendimento oposto ao dualismo cartesiano.

Para melhor entendermos a teoria da representação freudiana, tal como tomada por Lacan na teoria do significante, podemos nos servir de uma analogia entre um diplomata que representa o seu país e o afeto que representa a pulsão, tal como um embaixador, no sentido de que esse representante, em ambos os casos, não carrega sentido algum em si; ele

é uma função de representação e não significações englobadas em uma unidade.

O significado e o significante

- **O real é inacessível e só conseguimos alcançar o que a pessoa fala sobre ele, suas representações, mas elas não são uma imaginarização do real.**

De um lado temos o real, puro afluxo de estímulos, caos orgânico, de outro as coisas bem definidas e com sentidos claros. Como o filhote de homem é desregulado, vem o Outro, uma estrutura, uma rede de regras e relações pré-definidas que vão recortar o real.

Por esta razão, Lacan afirma que devemos tratar as representações freudianas como SIGNIFICANTES e não como SIGNIFICADOS.

O que é o significante?

Primeiro vejamos porque não trabalhar com significados

- **O SIGNIFICADO** é algo compartilhado, faz sentido, empático, algo que entendemos a partir da semelhança, daquilo que já é prévio, uma construção de sentidos já aprendidos; “compartilhamento de egos”. É limitado.

Para navegar pelo significado, é preciso navegar pelo compartilhável, dividir com o analisando o sentido que ele mesmo construiu. Essa orientação pelo significado, apesar de também ser uma forma terapêutica, não é psicanálise, tal como fundada por Freud e retomada por Lacan.

- **A transferência não é empatia. O analista não aposta nos sentidos coletivos.**

Pela empatia, só alcançamos a consciência, o registro imaginário (a – a’). Para que algo surja no lugar do sujeito, a empatia não é o melhor caminho, é preciso desacreditá-la. Podemos afirmar que não há como alcançar a singularidade através do significado. A psicanálise trabalha com o material inconsciente. O *ego*, ou o eu, é a instância que possui a história montada. Os sentidos já são todos prévios, já aprendemos a sentir com a cultura, não se aproximam da singularidade.

O objetivo de uma análise é que algum ponto de singularidade dessa história que, mesmo que de maneira não evidente, age sobre e regula a própria história, possa emergir na fala, naquilo que chamamos de lugar de sujeito.

- **A teoria lacaniana do SIGNIFICANTE** é um meio para lidarmos com o lugar do sujeito. É a ferramenta que Lacan criou para que uma análise se aproxime da singularidade.
- Em uma primeira aproximação, os significantes são elementos carregados ou não de significação, mas de valor de ancoragem na história.
- Seu valor de âncora em uma narrativa vale mais que seu valor de significado. O segundo não é causa do primeiro.
- Algo acontece e nos marca. Essa marca não necessariamente se constitui porque aquela cena teve um sentido muito forte, o que importa é se ela se destaca do contexto geral da história. Ela pode se destacar por ser excessivamente forte (alto sentido), mas outras porque não encaixam. Em ambos os casos elas podem ser tomadas como significativas, mas não necessariamente por seu significado.

- Tomar estes elementos como elementos articulados estruturando a narrativa, em vez de vivências de sentido, é uma forma de guiar uma análise sem ter que saber qual o sentido correto ou verdadeiro daquilo que o analisante está dizendo.
- A finalidade de uma análise não é o analista dizer quem o analisando é. E sim o que ele mesmo pode dizer sobre quem é para, quando ele disser, buscar o quê nesta fala fará efeito de releitura do eu.
- **Significantes serão quaisquer elementos da narrativa que possam ser destacáveis do sentido geral e que mesmo assim pareçam ter valor.**
- Ex: o cheiro de pão fresquinho quando eu passava na padaria cujo dono eu detestava. O sentido geral é negativo, mas o cheiro não.
- **Eles trabalham articulados entre si, dentro do discurso. O que eles juntos produzem de inédito? – esta deve ser a pergunta do analista, na busca pelo efeito de sujeito.**

A narrativa é uma teia, uma trama de significantes que são significativos, e não significado. O analista deve buscar a articulação dos significantes para que ele possa se orientar, a fim de encontrar com o furo do eu.

A proposta de Lacan é que o analista não coloque nada de sentido no furo, e sim procure os significantes que estão na borda deste furo. Devemos ficar com as palavras do analisando, pois são elas que fazem reverberar significações nele. Essa é a intenção de trabalhar com esses elementos significantes.

- **A ideia de Lacan é que o analista deve pensar a fala como um texto.**

REDE/CADEIA DO SIGNIFICANTE = ESTRUTURA DO DISCURSO

Dado um significante, o analista procura no texto outros significantes que se articulam a esse para, nessa cadeia, aparecer o furo, sem preenchimento de significados. É nessa estrutura que poderá aparecer o furo do Outro, no lugar do sujeito. E essa rede pode se reestruturar, deslizar.

- **O significante coloca o analista na trilha do inconsciente, e o significado na trilha da consciência.**

XIII - Significante (I.ii)

04/10/2016

Notas de aula por Amanda Pereira

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

A partir de alguns escritos de crianças retirados do livro “Cenas de aquisição da escrita – o sujeito e o trabalho com o texto”, realizou-se uma análise destes, em aula, articulando-os à teoria lacaniana.

O mais importante nesta análise foi tentar imaginar que poderiam ser falas de criança e que vale tentar “ouvir” essas falas como um texto para localizar onde o texto estava

fragmentado, perturbado, ou seja, localizar o furo no texto, o lugar do sujeito, muitas vezes suprimido por um risco, por exemplo.

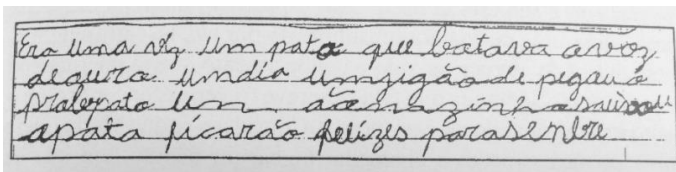
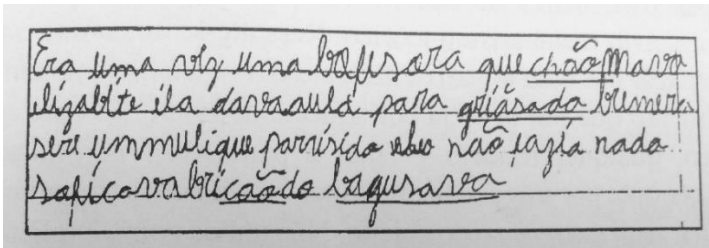
Explorar as possibilidades de interpretação a partir do furo é essencial. Encarar tais interpretações como a verdade sempre limita o papel do analista. Explorar, então, é diferente de querer interpretar um suposto sentido.

Concluimos que:

Completar o texto (aprisionar o eu)

x

Abriu o texto/deixar em aberto (pode provocar reconfigurações do eu)



Era uma vez um menino que só sabia falar palavras tipo caga boba xata besta idiota e todos os meninos ficaram assustados com tudo aquilo e ele ficou sem amigos e um dia ele se viu no espelho porque eu só falo palavras e disse para a main main eu só falo palavras a main disse que tal irmos no dentista o menino disse para a main main eu sei a main disse que bom que voce seitou ela pegou o carro e os dois foram e lá no dentista disse vou ter que arrancar o dente escuro ele tirou depois ele foi na escola e só falava coisas mais ou menos.

A teoria do significante – de Saussure a Lacan

Teoria Clássica da representação:

- Para a teoria clássica do signo, a representação é de uma coisa por uma imagem que a representa.
- O Significado é equivalente à coisa e se apresenta sempre que a representação se apresenta (*mimesis*).

LACAN ESTRUTURALISTA → alternativa ao dualismo cartesiano

Psicanálise (Freud e Lacan):

Para a psicanálise freudiana, lida por Lacan, as representações estão em articulação, são uma estrutura, e elas definem as coisas, mais do que as representam.

Primeiro momento: Significante e significado em Saussure

Para Ferdinand de Saussure, o significado é a imagem acústica da coisa, colocado sobre o significante, que seria o nome da coisa.



A coisa (real), o referente, para Saussure, é abordada unicamente através de seus signos, por isso, o referente para ele é secundário.

O valor de um signo só será dado, para Saussure, em contraposição a outros signos (noite/dia, boi/vaca). Apesar do conceito vir junto com a imagem acústica, seu sentido, seu valor, só se define na estrutura geral dos signos (linguagem).

Relação entre significado e significante:



s = significado

S = significante

Para Saussure, o signo é a relação unívoca entre significado e significante.

- **Significado é o conceito que corresponde a uma imagem acústica.**
- **Significante é o nome da coisa, atrelado ao conceito, formando o signo saussuriano.**

O referente, a coisa, não tem relação de identidade com o signo, a relação entre eles é arbitrária. Para a linguística estrutural, não importa se o nome/conceito está adequado à coisa. O nome funciona em uma estrutura.

Exemplo da imagem da árvore: Não é a árvore que cria o conceito de árvore, é o conceito de árvore que faz com que possamos ver a árvore como tal. O conceito de árvore serve para recobrir o objeto.

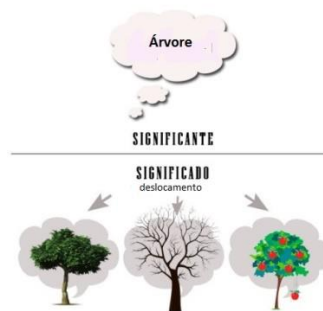
Para Lacan, Saussure seria a melhor maneira de traduzir o modo como Freud lida com a fala e as formações do inconsciente de seus pacientes. Para ele, um acontecimento só tinha sentido se inserido numa rede de causalidade psíquica.

Segundo momento: Primazia do significante sobre o significado

$$\frac{S}{s}$$

Para começar, Lacan inverte a relação saussuriana entre significante e significado, passando à primazia do significante, supondo que era do significante que tratava Freud, e não do significado. Se o sentido é dado a partir do conceito, e se o conceito só se apresenta junto com uma palavra, na medida em que ela é inserida numa cadeia, é, então, a palavra, o significante, que é primordial.

Ao mesmo tempo, Lacan explode o signo, pois um mesmo significante pode levar a vários significados, os significados podem deslizar.



Terceiro momento: não existe significado sem palavra

O significado sempre será outro significante, em última instância, na medida em que, sempre que surgir, será carregado por outro significante. Ou seja:

$$\frac{S}{S'}$$

O significado é sempre um conceito que vem sempre junto com um significante. E esse segundo significante remete a outro e assim por diante, como quando procuramos o sentido em um dicionário. Esse esquema acima é uma simplificação, no qual S' representa toda a rede.

- **Escutar a fala a partir do significante, para Lacan, é melhor do que pelo significado, pois nos coloca na trilha do inconsciente como achado, texto e hiância, ao invés de conteúdo.**
- **Um significante só tem significado se articulado a outro significante, numa estrutura, que Lacan simplifica também e, sobretudo, como abaixo:**

$$S1 - S2$$

Signo, para Saussure, é a imagem acústica de um conceito e só tem sentido porque está atrelado a outros sentidos. Assim, um signo seria coletivo e compartilhado, inserido numa rede de sentidos. Para Lacan, trata-se de uma rede de significantes.

- **Para Lacan, o sentido se constitui a partir do jogo dos significantes, então é a estrutura desse jogo mais importante que aquele sentido que se produz.**
- **Assim, o significante é uma rede, uma estrutura, ao invés de uma unidade atrelada a um signo. Rompimento com Saussure.**

- **Significante lacaniano: elementos destacáveis sempre articulados numa cadeia, com produção de uma história, de sentido.**

XIV - Significante (II.i)

20/10/2016

Notas de aula por Maria Stewart

Formatação: Andreza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Aforismos

“A primeira rede, do significante, é a estrutura sincrônica do material da linguagem, na medida em que cada elemento adquire nela seu emprego exato por ser diferente dos outros; é esse o princípio de distribuição que rege sozinho a função dos elementos da língua em seus diferentes níveis, desde o par da oposição fonemática até as locuções compostas, das quais é tarefa da mais moderna pesquisa destacar as formas estáveis.” (LACAN, 1955. Em: *Escritos*, p. 415).

“(...) o inconsciente é que o homem seja habitado pelo significante (...)”. (LACAN, 1957. Em: *Escritos*, p. 39).

“(...) [os sujeitos] modelam seu próprio ser segundo o momento da cadeia significante que os está percorrendo.” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 33).

“(...) esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta.” (LACAN, 1966. Em *Escritos*, p. 849).

“Trata-se, pois, de definir a tópica desse inconsciente. Digo que é justamente ela que se define pelo algoritmo *S/s*.” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 518).

“Relembro o automatismo das leis pelas quais se articulam, na cadeia significante:

- a) a substituição de um termo por outro para produzir o efeito de metáfora;
- b) a combinação de um termo com outro para produzir o efeito de metonímia.”

(LACAN, 1959. Em *Escritos*, p. 628).

“Com a segunda propriedade do significante, de se compor segundo as leis de uma ordem fechada, afirma-se a necessidade do substrato topológico do qual a expressão “cadeia significante”, que costumo utilizar, fornece uma aproximação: anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis.” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 505).

Continuação da teoria dos significantes em Lacan

Podemos entender representação como apresentação; matéria prima da análise.

Na análise, não trabalhamos com as coisas reais, e sim com as apresentações das coisas em si. Somos marcados por acontecimentos como, por exemplo, o toque, e essas marcas são gravadas. São gravados os elementos concretos. As ideias são elaboradas *a posteriori*. Não gravamos o objeto em si, mas gravamos os elementos que se referem aos objetos, com cargas libidinais, e esses elementos se associam, formando os significantes que darão a ideia do objeto.

Temos, então, uma rede de gravações de elementos, marcas da coisa, mas não a coisa em si.

Ex. *Café* é feito de elementos (cor, cheiro, gosto), não é uma unidade independente desses elementos e inequívoca em sua significação. Esses elementos são os traços mnêmicos que ficam gravados com libido, carga, intensidade. Essas, por sua vez, são fluidas e se distribuem. Esses elementos se associam e gravamos a ideia relacionada ao café, ou seja, gravamos os traços que compõem a maneira como café irá se apresentar.

Com isso, Lacan sugere que tomemos o discurso como um texto, e não como um conjunto de ideias ou conteúdos. Dessa forma, podemos nos surpreender com algo que dissemos.

Numa análise, podemos nos encontrar com uma novidade, dependendo da maneira como um significante já gravado aparecer, o que poderá causar efeitos de reconfiguração para o analisando.

Aquilo que não produz um sentido estável na cadeia significante, que aparece muitas vezes como incompreensível, o eu rejeita e, dizemos, nos termos freudianos, que esse material será recalcado. Freud chamou a emergência desse material no discurso de formações do inconsciente.

No lugar da apresentação, falaremos *S*, significante, que é a coisa mais o conceito. O significante é fundamental e fixo, e o conceito variável. Geralmente pensamos que os significantes são palavras, mas não necessariamente. São palavras, mas também são cheiros, etc.

Somos feitos de uma rede de significantes, marcas, gravações, que produzem uma espécie de narrativa principal, narrativas secundárias e ramificações quase sem narrativas que interagem com um todo.

Dizemos cadeia de significantes porque uma palavra vem depois da outra. É uma cadeia associativa. O significado sempre será carregado por outros significantes na cadeia.

$$\frac{S}{S'} = \frac{FIXO}{VARIÁVEL} = \frac{PRIMÁRIO}{SECUNDÁRIO} = \frac{UM SIGNIFICANTE}{VÁRIOS SIGNIFICANTES}$$

O sujeito se apresenta entre S1 e S2. No lugar do sujeito, apresenta-se um terceiro *S*, em posição de verdade:

$$\frac{S1}{S2 - S3 - S4 (...)}$$

S1 – S2 → Significados do discurso oficial geral, mais ou menos estáveis.

Os outros fazem parte das cadeias alternativas que se estabelecem entre o eu as amarrações.

Ex. O giz (S1) é azul (S2) → S1 – S2. O eu seria a soma de S1 e S2 típica, ou seja, são coisas que se diz e que produzem uma suposta verdade sobre o eu, mas não sobre o sujeito.

As certezas do eu são bem mais frágeis do que pensamos, pois precisam sempre da reafirmação do Outro e, mesmo que os outros fixem essa relação, a vida se encarrega de perturbar isso com o material que não se encaixa bem no discurso do eu.

O sujeito está no meio dessa relação egoica S1-S2, ele é hiância no texto, está entre os dois significantes, ou seja, ele é o que aparece entre um significante e outro, como furo no eu.

Ex: Alexandre é casado, arquiteto e gosta de ir à praia. A função sujeito está entre o que se pode dizer no currículo de Alexandre e o fato dele gostar de ir à praia. O eu está nos dois significantes, como uma soma entre S1 e S2. O sujeito é furo porque é aquilo que fica entre os dois significantes, por não se esgotar em nenhum dos dois.

Dessa forma, a interpretação para a psicanálise lacaniana segue o significante para, entre eles, buscar o furo que é o sujeito. Buscar aquilo que, no texto da fala, não se esgota com os significantes que servem às falas egoicas e deixam entrever um ponto cego.

A questão do esquecimento, para Freud, mostra que, quando no lugar de uma palavra falamos outra, emerge um material inconsciente, que tem a ver com o sujeito. Não é um buraco vazio, mas, ao contrário, nesse buraco aparecem materiais que não se encaixam no e eu e precisarão ser elaborados. Freud nos mostra que há outras palavras, significantes, associadas àquela que primeiro queria se dizer, que vão aparecer na cadeia associativa e provocar tal elaboração.

$$\frac{S1}{S2 - S3 - S4(...)}$$

O analista, então, não deve atribuir um significado (amarrar essa relação S1-S2) no discurso do paciente. Deve-se acolher o material apresentado e ele mesmo trará seus significados na associação livre.

SONHO - É uma condição artificial, na qual se abre essa relação S1-S2, aparecendo outros significantes. No sonho, não se produz apenas um significado que possa fechar um sentido, amarrar. É mais importante o relato do sonho do que o sonho em si, pois a interpretação visará ao texto que se formará no relato, à cadeia de significantes que se colocará em jogo na cadeia associativa, mais do que ao significado do sonho.

SINTOMA - é uma força que arreventa essa relação S1-S2, como alguma coisa estranha, que não faz parte do eu. O sintoma se produz porque algo do que fica fora do eu insiste em

aparecer. Os sintomas falam, porque veiculam o material inconsciente recalçado.

Metáfora e metonímia

Com os sonhos, Freud nos introduziu a dois trabalhos fundamentais de organização do pensamento onírico: a condensação e o deslocamento.

Lacan ampliou essas duas maneiras de organização para a cadeia significante em geral. Nos sonhos, esses movimentos aparecem de modo mais claro, mas, para Lacan, eles regem o movimento da cadeia significante em si.

A partir da linguística, Lacan entendeu a condensação freudiana como metáfora e o deslocamento freudiano como metonímia.

METÁFORA

Exemplos:

Meu coração é um balde despejado = linguagem metafórica

Meu coração é um excessivo = linguagem não metafórica

Meu coração é como um incêndio = comparação na qual um elemento está excluído

A metáfora, normalmente entendida como comparação ou transposição, não tem sentido prévio, para Lacan. São os significantes que produzem a metáfora e não o inverso.

Na metáfora temos a condensação, na medida em que se articulam dois significantes em que um vem a substituir o primeiro.

$$S(+)'$$

Nessa substituição, produz-se um *a mais* de sentido, que não é um terceiro sentido, mas um imponderável; emergência de um real; efeito poético.

A metáfora produz um efeito a mais de verdade, que parece dizer mais sobre o real do que o que foi dito antes.

Ex.: A expressão *trepada de galo*, dita em um dos testemunhos no filme de Eduardo Coutinho, "Jogo de cena", é uma metáfora porque amarra dois significantes por um terceiro, produzido como um a mais na significação. Os significados de "trepada" e "galo", articulados nessa metáfora, produzem uma expressão cujo sentido não se encaixa bem nos dois anteriores, por isso tem um efeito desse a mais insondável. A função sujeito poderá se apresentar no espaço entre um significante novo que vai entrar no lugar do S2 que, por sua vez, estava previsto, produzindo a metáfora, com a impressão que se quis dizer algo a mais. Esse a mais tem um efeito de verdade, a que uma análise busca.

O novo termo substitui o primeiro, sem eliminá-lo. Ele permanece como oculto na nova articulação. São dois significantes, duas palavras que produzem a metáfora, e não duas ideias. Um significante carrega um campo de sentidos, e não um sentido fixo, que se deslocam com ele na cadeia. É porque o significante não tem um sentido inequívoco que o real pode emergir como furo entre dois significantes. A operação da metáfora, para Lacan, traduz a constituição do sujeito.

O sujeito, furo no simbólico, é apreendido na linguagem entre dois significantes, como efeito da articulação entre dois significantes que não têm significado prévio e, por isso, podem conjugar um terceiro sentido que carregue algo de imponderável – mas que aparece com intensidade e concretamente, no corpo, por exemplo. Nesse imponderável concreto é que se localiza o real, que não pode ser dito, mas se diz de alguma maneira. De outro modo: o real lacaniano não pode ser dito, mas não está em outro lugar, inefável, inatingível; está na linguagem, no furo da cadeia significante; no lugar no sujeito.

METONÍMIA

A metonímia é o deslocamento, deslizamento de significantes, fuga de sentido. Ao invés de se substituir um significante por outro, desloca-se para o que está ao lado.

$$S, S', S'' \rightarrow S(-)$$

Ex.: Tietê -> via expressa -> margem -> marginal do Tietê.

A associação livre é um trabalho metonímico. Dessa forma, é com ela (metonímia) que trabalhamos na análise.

A metonímia é o material de trabalho para que possa se produzir metáforas novas e enigmas.

Sem as metáforas, temos um deslizamento infinito de significados, sem ponto de basta, o que acaba por haver, em última instância, uma perda do sentido.

Exemplos:

- Podemos dizer que a prosa é metonímia e poesia é metáfora.
- Podemos dizer que, no filme de terror, o suspense é a metonímia e quando alguém mata a outra pessoa é a metáfora.
- Podemos dizer que a descrição é metonímica.

“Aquela mancha está na porta

Isabel está na porta

O carro está na porta”

Nesse caso, vemos o mesmo significante em posições de sentido completamente distintas.

XV - Significante (II.ii)

25/10/2016

Notas de aula por Tânia Pereira
Formatação: Andrezza Melo
Revisão: Thereza De Felice
Versão final: Marcus André Vieira

Metáfora e metonímia

Metáfora (s.f.) Figura de linguagem que estabelece uma transferência do significado de uma palavra para outra, por meio de uma comparação não explícita.

ex.: "Amor é fogo que arde sem se ver" – Camões.

Metonímia (s.f.) Figura de linguagem em que um objeto é designado por uma palavra que se refere a outro, por existir uma relação entre os dois. A relação estabelecida pode ser de matéria por objeto, autor por obra, consequência pela causa, dentre outras.

ex.: Pedro adora Portinari.

O sujeito é o que o significante representa para outro significante

Haverá, segundo Lacan, sempre um furo, uma falta a significar; ele é, portanto, intervalar e uma função dentro de um texto.

ex.: Marcos – brasileiro = maneiras de ser no mundo. Não há essência; o sujeito está entre os dois significantes porque seu sentido não se completa em nenhum dos dois.

Significantes intervalares

Os significantes intervalares, material da clínica, poderão se materializar linguisticamente de duas formas: metáfora e metonímia. **Elas são, assim, duas maneiras de apresentação do sujeito (do furo no eu, do enigma); ambas revelam, portanto, o material inconsciente.**

O que fazer com esse material é a prática da psicanálise lacaniana cujo objetivo é desmembrar os sentidos, já que a síntese já é o que faz o mundo. A atenção flutuante, para Lacan, tem a ver com o analista não se interessar muito por entender os significados, mas sim pelo que escapa ao conteúdo exato. Como efeito disso, mas sem se interessar

diretamente por isso, uma análise pode também mexer com as significações.

O material intervalar surpreende tanto ao analista quanto ao paciente.

Textos ilustrativos:

1) Vaguidão específica - Millôr Fernandes – é um bom exemplo para explicar a metáfora.

<http://www2.uol.com.br/millor/aberto/textos/005/011.htm>

2) O mapa – Jorge Luiz Borges – denuncia uma certa pretensão de se dar conta do todo. Esse seria, podemos dizer, o “delírio” da neurologia, atualmente. Para Freud e Lacan, há apenas eixos principais de discurso, e não uma réplica de qualquer material (inconsciente).

<http://contramundumcritica.blogspot.com.br/2010/03/jorge-luis-borges-sobre-o-rigor-na.html>

3) Estorvo – Chico Buarque - é um bom exemplo para explicar a metonímia.

Com a metáfora e a metonímia, Lacan se utilizou da linguística para dizer de formas de apresentação do sujeito. **A constituição do sujeito acontece de maneira análoga a tais operações da linguagem.**

Metáfora	Metonímia
Condensação	Deslocamento
Diz-se: “É isso!”	Pergunta-se: “Como é isso?”
$S/S(+)$	$S - S' - ? (-) -$
Um significante vem por cima do outro, leva a uma satisfação, e é ponto de parada, de basta ou de corte no trabalho analítico.	Com seu deslizamento de significantes, leva a uma continuação do trabalho analítico (associação livre).
Figuração direta	Figuração indireta
Lapsos	Esquecimento de nome

As formações do inconsciente - metafóricas e metonímicas – são anômalas. No sonho, ambas estão presentes de modo mais explícito. O modo como se apresenta o material onírico mostra de maneira mais radical o modo como se organiza o discurso cotidiano, para Lacan. O discurso do inconsciente.

A metáfora diz alguma coisa, mas coloca um a mais que não entra na significação e parece dizer mais sobre uma verdade. O trauma, por exemplo, segue as leis da metáfora. Há uma ressignificação *a posteriori*, quando o segundo tempo do trauma ressignifica o primeiro e produz sintomas. Um elemento age sobre o outro, tal como na metáfora, produzindo um a

mais.

Retomando os aforismos

I. “A primeira rede, do significante, é a estrutura sincrônica do material da linguagem, na medida em que cada elemento adquire nela seu emprego exato por ser diferente dos outros; é esse o princípio de distribuição que rege sozinho a função dos elementos da língua em seus diferentes níveis, desde o par da oposição fonemática até as locuções compostas, das quais é tarefa da mais moderna pesquisa destacar as formas estáveis.” (LACAN, 1955. Em: *Escritos*, p. 415).

Estrutura – em todos os níveis: dos fonemas (oposição fonemática) até as locuções compostas.

Sincronia - eixo das simultaneidades; ocorre ao mesmo tempo.

Na sessão analítica, quase tudo é sincronia – está tudo ali, ao mesmo tempo, em sua complexidade, paradoxos, etc. Assim, o relato tomado em sua sincronia pode tornar presente o SUJEITO entre dois significantes.

Diacronia - eixo das sucessividades; evolução/mudança no tempo. É a vida real; “a gente apaga o que já passou”. É o ajuste da história pelo EU, para que ela se sustente de modo linear.

Exemplo na Língua Portuguesa:

- “O plural de lobo forma-se pelo acréscimo de um –s ao singular lobo, loboS”-

descrição sincrônica

- “O plural lobo provém da forma lupos: lupos > lopos > lobos” –

explicação diacrônica

II. “(...) o inconsciente é que o homem seja habitado pelo significante (...)”. (LACAN, 1957. Em: *Escritos*, p. 39).

O homem é habitado pelo significante no nível do eu (consciente) e no nível do sujeito (inconsciente).

Para Lacan, não há um sujeito da intenção porque não há uma intencionalidade primeira. O sujeito é aquilo que será furo na intenção (do eu).

XVI - Desejo

27/10/2016

Notas de aula por Leonardo Arruda

Formatação: Andreza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Desejo inconsciente

O que faz com que alguém escolha uma coisa e não outra?

Em “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”, Freud analisa um caso de lapso de fala de uma senhora, em que chega à conclusão de que se condensava, ali, um desejo de morte em relação à filha, o que poderia ser entendido como um “querer” matar a filha. O que é isso que quer matar a filha? O que é querer matar?

Freud nos indica com a descrição das formações do inconsciente que o que aparece ali é desejo inconsciente, e nos ensina sobre uma diferença fundamental entre desejo e demanda. Esse desejo de morte da filha que Freud encontra ao analisar o lapso em questão é mais desejo do que demanda.

Mas então, numa análise, qual seria o desejo bom? O válido? Como definiríamos para onde ir? **É importante não tomar o desejo como uma verdade revelada.**

O desejo não é a verdade da pessoa, mas um movimento que a coloca em certa direção.

Para Freud, os desejos inconscientes têm uma força diferente dos desejos conscientes, a que aproximaremos mais da dimensão da vontade, da demanda. Não quer dizer que esses desejos carreguem um segredo revelador. Eles vêm do inconsciente e isso, por si só, já faz com que tenham uma carga libidinal importante.

Não somos uma dicotomia, “diabinhos ou anjinhos”. Não somos um ou o outro. Somos tanto o desejo inconsciente como a demanda consciente, mas a análise aposta na dimensão desejante como alguma coisa que aparece mais viva.

Desejo x Demanda

Lacan propõe que tomemos os desejos inconscientes como desejos e os conscientes como demanda.

Desejo não é vontade (demanda).

Numa análise o mais rico é tentar distinguir o desejo de vontade e trabalhar com o que aparece da dimensão dos desejos que não são vontade.

A vontade tem objeto definido, o desejo não. O desejo se realiza, a demanda se satisfaz.

Manifestação do desejo

Responder ou satisfazer às demandas esvazia o desejo inconsciente. Não responder à demanda pode trazer a dimensão de insatisfação do desejo inconsciente e provocar um movimento diferente.

Assim, o desejo inconsciente aparece nas reconfigurações que podem se produzir em análise.

O movimento do desejo é uma maneira de viver o desejo e não de concretizá-lo.

O que os analistas já faziam a partir de uma leitura dualista de Freud era frustrar a demanda como um "diabinho interior". Essa frustração da demanda, no entanto, só vale para Lacan se estiver interessada em colocar o desejo em jogo. Do contrário, pode se tornar apenas uma frustração pela frustração.

A dimensão do inconsciente traz o desejo sempre como desejo de outra coisa.

O desejo de uma coisa, de um objeto estável, é demanda. O desejo de *outra* coisa, esse sim, é o desejo inconsciente.

O desejo e o além do princípio do prazer

Quando a demanda é satisfeita, dizemos que há uma situação de prazer, mas a busca por um a mais tem a ver com o prazer de que Freud tratou em seu texto de 1920, "Além do princípio do prazer". O desejo inconsciente é indestrutível porque é a sempre dirigido a esse a mais que não se satisfaz. Pode se materializar como mais do mesmo, mas não é alcançado.

Uma das maneiras de encarar a dimensão desejante é entender o desejo como primordial. Somos desamparados e a busca pelas respostas que nos situem no mundo, no Outro, é o desejo. É algo que envolve uma distribuição de carga (Freud descreveu como uma forma econômica e Lacan como semântica).

Desejo: movimento sem objeto; a dimensão de um outro objeto que se apresenta em outro objeto. O desejo é aquilo que se escava pelos pés da demanda.

Demanda: o movimento em direção a um objeto definido, mais ou menos estável, abstrato ou concreto.

Manifestação do desejo: repetição. Objetos impossíveis trazem a dimensão do objeto que falta e se apresenta a cada demanda que se encarna em um objeto (objetos grandiosos e perfeitos, A Coisa; o grande objeto causa de desejo).

Há desejo na demanda. Quando se chega perto do desejo, aparece o furo na demanda.

Aquilo que há além do princípio do prazer no desejo, que aparece no furo, Lacan chama de gozo - desejo do absoluto, desejo intransitivo.

XVII – Desejo (II)

01/11/2016

Notas de aula por Isabela Azevedo

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Aforismos

“Assim, é de outro lugar que não o da Realidade concernida pela Verdade [do desejo] que esta extrai sua garantia: é da Fala. Como é também desta que ela recebe a marca que a institui numa estrutura de ficção.” (LACAN, 1960. Em: *Escritos*, p. 822).

“(...) o símbolo se manifesta inicialmente como assassinato da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização de seu desejo.” (LACAN, 1956. Em *Escritos*, p. 320).

“(...) que o desejo seja articulado é justamente por isso que ele não é articulável.” (LACAN, 1960. Em *Escritos*, p. 819).

“(...) a lei e o desejo recalçado são uma única e mesma coisa, o que é justamente o que Freud descobriu.” (LACAN, 1963. Em *Escritos*, p. 794).

“(...) o desejo é o avesso da lei.” (LACAN, 1963. Em *Escritos*, p. 799).

“É essa ex-sistência (*Entstellung*) do desejo no sonho que explica que a significância do sonho mascare nele o desejo, enquanto sua mola se esvaece, simplesmente por ser problemático.” (LACAN, 1961. Em *Escritos*, p. 635).

“(...) [Freud] propõe-nos o sonho como metáfora do desejo.” (LACAN, 1962. Em *Escritos*, p. 628).

Filme “As canções” – Ózio

Ózio tem 63 anos, morador de São Gonçalo, mas nasceu e cresceu em Santa Maria Madalena. Há 11 anos perdeu mãe, sogra e mulher em um ano só, chegando a dizer que perdeu “três mães”, e que isso o “espantou um bocado” do interior, o “jogou pra fora” e fez com que ele se mudasse pra São Gonçalo. A impressão que temos é a de que ele tinha uma vida boa na roça, mas diante das perdas se vê impelido a ir pra São Gonçalo, morar perto dos oito filhos (todos feirantes, assim como Ózio). Ou seja, a lavoura era o lugar onde ele queria

estar, mas ele foi “expulso” de lá pelas mortes. Agora trabalha como feirante na cidade e não parece estar muito feliz.

Ózio fala sem se abrir. Demonstra muita intensidade, mas ao mesmo tempo parece que lhe falta vivacidade. Sua intensidade está em algum lugar que não é o da relação com o outro. Ele dá seu recado e vai embora; não quer compartilhar sua intensidade, não parece estar precisando de nada. Há um certo clima estranho que o rodeia. Apesar de sua vida não ser totalmente solitária, ele vive como um solitário. As perdas que ele sofreu não o paralisaram na vida, mas ao mesmo tempo em que ele faz as coisas, trabalha, tem algo ali que parece não se realizar.

Na elaboração de seu luto, Ózio compôs uma música:

vai-se embora, meu bem, vai-se embora, lhe acompanha da lua o clarão/ vai deixando a tua saudade colocada no meu coração/ esta noite eu sonhei que nunca mais eu te vi, mas quando acordei, quantas amarguras passei / quero te ver bem distante, quero partir quanto antes / soltei um pio e iambú me respondeu “ninguém sofre mais do que eu

A música, nesse caso, pode ser tomada como uma produção do inconsciente, como um sonho. Desse modo, podemos tentar apreender melhor sobre o que quer dizer *realizar um desejo*, e não *satisfazer um desejo*.

Podemos dizer que essa música foi uma realização de desejo. Ózio traz essa mulher, que é uma mulher concreta, cria metáforas e maneiras de fazê-la presente.

Quando uma pessoa morre, ela passa a ser um objeto total de satisfação, porque impossível, não mais como era no dia-a-dia. No dia-a-dia, Ózio não fala de lua, metáfora, mas nessa produção da música ele traz a lua pra pensar essa mulher. Isso nos ajuda a entender que os objetos de desejo não são estáveis.

Toda a elaboração possível do luto de Ózio se deu com essa música que ele fez cantando na lavoura sozinho, mas essa operação não foi 100% bem sucedida. Se a música o ajudou a se afastar das mulheres, ao mesmo tempo ele segue com elas. Há uma espécie de realização pela não realização.

Demanda x desejo

Há algo da realização do desejo que não acontece, deixando a sensação de uma coisa que não é inteira, não é cheia. Por isso falta vivacidade quando olhamos para Ózio. Ele é intenso, mas tem uma vivacidade que procuramos e não achamos. **Essa vivacidade acompanha a dimensão do desejo, mas não necessariamente a da demanda.**

A pessoa que só quer satisfazer suas demandas é intensa também, mas não tem vivacidade. **A demanda é mais pragmática, podendo ser vista como uma movimentação de desejo (*lato sensu*) que vai na direção do objeto, e quando chega se esvazia.**

O desejo é sem objeto, seu clima é aquele que Freud encontra nos sonhos, onde são trazidos

objetos com os quais não nos satisfazemos. **No sonho nós vivemos os objetos, realizamos desejos (e não satisfazemos demandas).** Todo sonho traz pro *ego* um objeto que estava fora de cena, trazendo a vivacidade que esse objeto carrega, tornando-o mais vivo.

É nesse sentido que caminha a afirmação de Lacan de que despertamos para voltar a dormir. Quando despertamos estamos novamente na dimensão da demanda, de uma vida à qual falta vivacidade; que não é louca, não é passional. É a vida dos sentimentos básicos, dos sentimentos que pegamos “emprestados” do outro.

A dimensão do desejo extrapola a da demanda, acompanhando-a.

O inconsciente traz a dimensão do desejo para uma vida que fica na dimensão da demanda, trazendo um objeto inconsciente.

O objeto de desejo é sempre uma coisa não precisa. **Na análise a tentativa é de trazer o objeto de desejo, mas não apontá-lo (a questão não é dizer “seu objeto de desejo é esse”). A análise aceita a parasitação do objeto de desejo no objeto de demanda. No entanto, seu trabalho é reduzir a distância entre desejo e demanda.**

A dimensão do desejo produz reconfigurações. Contudo, o essencial da análise não é só efetuar boas reconfigurações, mas também colocar o analisando mais próximo da dimensão do desejo.

Para Lacan, o mais importante do sonho é possibilitar uma aproximação com essa dimensão do desejo, porque não conseguimos viver só na demanda. A dimensão da demanda é a do dia-a-dia; a dimensão do desejo perturba a dimensão do pacto (“eu quero mais de você, mas eu não sei o que”).

O sonho traz justamente aquele a mais que apareceu quando vimos algo no dia-a-dia, mas não pudemos pensar. Mas vale ressaltar que o importante não são os restos diurnos, já que eles pertencem ao âmbito da demanda.

Realização x satisfação

A satisfação é, para Lacan, o momento de encontro com um objeto desejado. É importante frisar que esse momento resulta sempre em uma deflação do desejo. Nesse sentido, **podemos dizer que a satisfação não realiza. Quando achamos que estamos realizados, estamos no âmbito da demanda, não do desejo.**

Passamos a vida correndo atrás de alguns objetos. Algo em nossas histórias nos faz querer esses objetos e vamos buscando coisas mais ou menos similares, variando por metáfora e metonímia.

Há, no entanto, objetos que não cabem no eu. Esses objetos são os objetos de desejo, aqueles que são resto da demanda.

A partir do momento do nascimento de um bebê, o cuidador e o ambiente vão interagir e a

criança vai sair do conforto que ela possuía no útero. A entrada no Outro implica sempre na perda de uma satisfação primeira, que resta como objeto perdido. O que acontece com esse objeto perdido?

Estamos numa vida cheia de objetos que não fazem parte do eu mas fazem parte do nosso aparato psíquico. No geral, esses objetos são objetos de demanda, mas também são sempre objetos de realização, em parte. São de demanda e têm um aspecto de desejo; **ao satisfazermos uma demanda, também realizamos parcialmente a intensidade daquele objeto perdido.**

XVIII - Objeto

03/11/2016

Notas de aula por Laís Soares

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Ainda sobre o desejo, em direção ao objeto

Temos a tendência a, na vida cotidiana, só buscar desejar objetos presentes ou possíveis para nós. Na psicanálise, a dimensão do desejo se dá, principalmente, em objetos impossíveis, muito distantes e/ou bizarros.

Abriga-se na análise a dimensão do desejo de se abrir para o inconsciente. **E o que fazer com essa dimensão inconsciente? Não se deve satisfazer, mas realizar.**

Realizar aqui ganha sentido de trazer para a cena e trazer, junto, a carga libidinal associada a esses objetos. Essa carga deve ser redistribuída para, assim, ter um efeito de realização, mas não de satisfação.

A palavra realizar é, geralmente, associada à satisfação de um desejo. Lacan propõe uma distinção do verbo realizar, que passa a ter sentido de cumprir, de estar junto a algo, ao invés de encerrar alguma coisa.

Freud, muitas vezes, usa uma mesma palavra para definir diferentes conceitos. Lacan tenta fazer uma separação desses conceitos. É o caso das palavras *ICH*, *WUNSCH* e *FULLUNG*, usadas por Freud e divididas, respectivamente, por Lacan, em: eu e sujeito; demanda e desejo; satisfação e realização.

ICH

WUNSCH

FULLUNG



Realizar um objetivo, nesse sentido, não quer dizer “chegar lá”. Temos a tendência a pensar *realizar* como consumir, esgotar.

Por exemplo: Compulsões - objeto que você não consegue consumir, mas não para de consumir.

A realização do desejo, segundo Freud, é a realização ou a presença do desejo no sonho, por exemplo, por deslocamento ou condensação. Indiretamente, por estar no sonho, o objeto também está no eu. Quando estamos acordados o eu está forte, então ele não permite a entrada do objeto de desejo de modo consciente. Mas, quando dormimos, o eu se torna mais fraco, o que permite a entrada do objeto no sonho.

Obs: O sonho traz o que vem além da demanda. A apresentação do desejo no sonho nem sempre é positiva. Pode ocorrer de formas ruins, como por pesadelos. O objeto de desejo não é em si algo bom ou ruim, mas a forma como ele se apresenta é que vai tornar a experiência positiva ou negativa.

A tendência no mundo atual é de transformar os objetos de desejo em metas, demandas. Essa tendência pode gerar um conflito no eu, pois, ao conseguir sua demanda, a pessoa percebe que não era exatamente o que ela queria. Em outros casos, pode gerar uma compulsão infinita, na qual, ao conseguir determinado objeto, a pessoa percebe não estar satisfeita e já busca outro objeto.

A aproximação com o objeto perturba o eu. Para nos satisfazermos, não devemos consumir ou descartar o objeto, mas realizá-lo. Realizar é o encontro do EU com o desejo, em que o EU está tão aberto que é possível que ocorra uma reestruturação.

Realizar é encher o EU com algo que veio do inconsciente. Ao invés de transformar o objeto em outro, traz o objeto para o eu e toda sua complexidade.

Quando não fazemos isso, e esquecemos o objeto, transformamos o objeto em demanda. Realização do desejo NÃO é satisfação da demanda. **A realização do desejo tem um efeito de vivacidade.**

Desejo: querer intenso, sem fim.

Eternização do desejo: ideia de que somos constituídos por duas partes e que não podemos nunca chegar à nossa totalidade.

Cultura: o que o ser aprende; o que é social.

Coisa em si: algo que se perde ao entrarmos na cultura.

Quando aprendemos as coisas pela cultura, perdemos algo da coisa em si, à qual continuamos desejando. Assim se dá a eternização do desejo, pois nunca poderemos ter a coisa em si.

A vida do sujeito está entre a demanda e o desejo

Na vida, os objetos de demanda e de desejo estão misturados. Não se pode pensar na dimensão do desejo puro, sempre há uma descarga relacionada. O desejo está ligado à demanda.

- **Desejo:** objeto entra no eu e causa perturbação – intensidade, vivacidade.
- **Demanda:** o objeto se encaixa com o eu

Em outras palavras:

- **Objeto de demanda:** o que se pode desejar. O que a lei e o social permitem.
- **Objeto de desejo:** o que não se pode desejar.

XIX – Objeto (II)

08/11/2016

Notas de aula por Amanda Richardson

Formatação: Andreza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Aforismos

A estrutura do sujeito “(...) não é inteira, mas dividida, deixando cair um resíduo irreduzível, cuja análise lógica está em andamento.” (LACAN, 1966. Em: *Outros Escritos*, p. 222).

“Passemos à segunda operação, onde se fecha a causação do sujeito (...). A essa operação chamaremos: separação. Nela reconheceremos o que Freud denomina de *Ichspaltung* ou fenda do sujeito, e compreenderemos por quê, no texto em que Freud a introduz, ele a fundamenta numa fenda não do sujeito, mas do objeto (fálico, nomeadamente).” (LACAN, 1966. Em *Escritos*, p. 856).

“O entre-aspas pode então representar a estrutura do S (*Es*) de nosso esquema L, simbolizando o sujeito suposto completado pelo *Es* freudiano, o sujeito da sessão psicanalítica, por exemplo.” (LACAN, 1957. Em *Escritos*, p. 60).

“O sujeito está (...) em uma exclusão interna a seu objeto.” (LACAN, 1966. Em *Escritos*, p. 875).

“(...) a causa do desejo distingue-se de seu objeto.” (LACAN, 1970. Em *Outros Escritos*, p. 417).

“(...) direi que o objeto *a* não deve ser situado em coisa alguma que seja análoga à intencionalidade de uma noese. Na intencionalidade do desejo, que deve ser distinguida dele, esse objeto deve ser concebido como causa do desejo. (...) o objeto está *atrás* do desejo. (LACAN, 1963. Em *O Seminário, livro 10: a angústia*, p. 114-115).

Os objetos

Lacan, ao perceber que havia uma dimensão na análise da qual os conceitos apresentados até então não davam conta, introduz em sua teorização o **objeto a**.

Da mesma maneira que ele faz com muitos outros dos seus conceitos, ele se apropriou de um conceito geral e foi se aproximando e refinando-o até chegar num conceito psicanalítico do mesmo. **O conceito de objeto na análise e o objeto no sentido comum das ciências humanas se diferem no sentido em que o objeto que é trazido na análise não é da ordem da realidade.** Para uma sessão não se traz a mãe real mas a mãe mental. Os únicos objetos de uma sessão são as representações. Os objetos comuns são propositalmente afastados para lidarmos somente com os objetos mentais.

Isto não significa que é um trabalho teórico. A presença dos objetos mentais é muito forte. São mesmo os objetos subjetivos com que os analistas querem trabalhar. Eles são fugidios, confusos, são como as imagens de um sonho. Não são apenas criações pra representar objetos simples, não se trata de uma modelagem da realidade, nem se interessa a relação entre objeto e representante. **As representações ou objetos mentais não são objetos que transpõem os objetos da realidade.** Não se contrói objetos mentais a partir de objetos da realidade, mas objetos que vierem na cabeça. **Assim, a psicanálise não é teórica mas sim um afastamento dos objetos da realidade para os objetos da vida psíquica, não ha superposição entre estes objetos. Não são abstrações teóricas, mas construções mentais. Não é uma *mimesis*, não é uma modelagem da realidade. Não estabelecemos relações biunívocas entre os objetos da realidade e o objetos que o representam. O conceito do objeto vai nos exigir a não pensar a análise como uma teoria da vida.**

A Virtualidade na psicanálise

Podemos dizer que a psicanálise se dá no virtual se compreendermos que, por virtual, entendemos:

1. Que não estamos interessados em fazer acoplagens com os objetos da realidade.

2. Que não ha uma relação biunívocas entre os objetos.
3. Os objetos são instáveis.

Para se reconhecer um objeto tradicional, usado na filosofia, supõe-se que tenha que se ter uma capacidade de se tomar consciência de um objeto, destacá-lo do fluxo de objetos outros. Já os objetos da análise são plásticos, multiusos, porque são afastados daquilo que lhes daria estabilidade: a realidade compartilhada. É pelo uso, a circulação do objeto, que se estabiliza a unidade dele. É numa retroalimentação constante no qual os objetos vão se esvaziando e assim ficando mais plásticos e multiuso.

Lacan propõe que, ao em invés de querermos trabalhar com a realidade, e assim tentar tornar todos os objetos estáveis - fazer isso seria iluminar todo o “porão” -, devemos dividir os objetos em estáveis e não estáveis, sendo eles, respectivamente, os objetos do eu e os objetos do inconsciente.

O objeto inconsciente

A problemática levantada por Lacan se dá por perguntas como: Como é esse objeto inconsciente? Como às vezes o objeto é inconsciente, noutras horas é da consciência? Temos que trazê-lo pra consciência ou deixá-los no inconsciente? Como analisar isso? **Lacan propõe o objeto a como o objeto paradigmático do inconsciente, um objeto puramente inconsciente, puramente fora da série e com todos os poderes de um objeto do inconsciente**, o qual é valorizado o objeto confuso, condensado e plural. Mas como escolher o mais confuso entre confusos? Quais são as características desse objeto? Procuramos a reconfiguração, mas como escolher de onde partir?

Solução dada pelo Lacan é a introdução e conceito do objeto a , este que tem algumas características que servem como uma bússola. A partir da criação desse objeto a abstrato, pode se saber se estamos ou não no caminho certo para se aproximar do inconsciente.

O objeto a pode ser como outros objetos, mas se chama assim para não dar características próprias a ele. Ele usa a letra a porque, originalmente, o objeto tinha a ver com o outro, a alteridade.

- 1. O objeto a é o outro O objeto a encarna para Lacan a alteridade do inconsciente para um analistante. E é por isso que ele tem as características próprias do inconsciente.**
- 2. O grande Outro, por sua vez, é a alteridade da cultura para o analisante.**
- 3. E o pequeno outro é a alteridade do amigo, do semelhante para o analisante.**

Entre eles, o objeto a é o aspecto mais inconsciente da alteridade. Esse objeto não tem uma cara, mas muitas caras. Essa abstração já havia sido feita por Freud, ele caracterizou alguns objetos que tinham mais a ver com o inconsciente:

O objeto oral

O objeto anal

O objeto fálico

Estes são os objetos que têm características específicas que permitem que se assumam que eles têm mais “poder de fogo”. Lacan radicaliza essa abstração por denominar objetos a aqueles que tem um “jeitão” de serem do inconsciente. O objeto a incorpora as características plásticas e inconscientes.

O cheiro da Alcedina

A fim de representar o objeto a , utilizou-se de um relato, um fragmento de memória de Andrea Beltrão, destacado do documentário de Eduardo Coutinho - *Jogo de Cena*. Andrea se apresenta em um ambiente bem virtual, lembrando da infância e seus momentos com a sua cuidadora Alcedina. Em sua fala, percebe-se que há uma forte emoção ao entrar em contato com a memória de Alcedina. Andrea descreve como a cuidadora que usava um “treco lá que ela passava e ficava cheirosa” e que “até hoje tenho o cheiro... tenho saudade do cheiro da Alcedina”. O cheiro da Alcedina é o objeto a .

Ao se chegar perto do objeto a , tem ato falho, porque não se consegue dizer sobre. As imagens ficam instáveis em volta do objeto, assim não se consegue fechar bem um sentido. Ao mesmo tempo se tem uma vivacidade. Quase que o cheiro se separa da Alcedina, mas não chega a se separar. O objeto a é pura carga, pura libido, mas ele se apresenta em uma configuração subjetiva, na qual consegue se discernir e reconhecê-lo. Ele é pura carga, não é uma carga livre mas está sempre agarrado, circulante em algo material. Não podemos dizer que ele existe por si só, senão seria algo místico. Tem uma carga nas representações. O objeto a é aquele que tem o máximo de carga e o mínimo de representação. No caso, o “cheiro”, que é pluri-representável, nunca é simples. Ele é a Alcedina, ele é aquela época toda da vida de Andrea. Objeto a é um guia, que orienta em que caminho o analista deveria seguir. É uma carga que não pode ser pensada isoladamente mas uma que se associa a algumas representações repetidas. Ela pode ser encontrada sempre perto das mesmas coisas. Alcedina é como um emaranhado, uma teia de representações na qual o objeto a se encontra. O objeto a não é a carga em si, mas sim o cheiro, é algo que está mas não está.

O objeto a

Lacan diz que a primeira qualidade do objeto a é que ele é sempre um resto. Ele é uma coisa que cai, algo que não compõe. não deve ser idealizado. Se fosse perguntado a Andrea, “então é o cheiro”, ela responderia, “mas não só”. É algo que não pode ser transformado em um objeto. Não pode ser estabilizado, mas está sempre caindo, sempre saindo de cena. Na hora que o *ego* tenta estabilizá-lo, chamando de cheiro, por exemplo, o objeto a é o que nessa hora cai.

O analista não deve dar um sentido estável e palatável, mas ir pro “cheiro”, não esvaziar sua energia. **A intenção não é achar o objeto a , mas sim entender que onde está o objeto a está o desejo.** E, assim, ter um sentido de autenticidade maior.

O objeto que falta é o objeto a . Mas o objeto a não é um objeto *per se*, é uma porta no limite da possibilidade da falta. Pela análise conseguimos chegar nesse limite. Até porque depois desse limite não tem nada. **Desenhar o limite, estabilizar o limite, apropriar-se do limite, muda sua relação com o desejo.** O desejo quer sempre chegar além do limite, mas lá não tem nada. **O objeto a é o objeto limite.** Ao falar a palavra, dar nome, afastamo-nos da coisa, desse nada. Para nos aproximarmos, procuramos a origem da coisa, por exemplo, o cheiro, esse é o último ponto de onde Andrea pode falar da coisa. **O objeto a é aquilo que materializa a porta da coisa. Ou melhor, a causa do desejo.** A causa da coisa é a borda da coisa, já que a coisa não existe. Somos um monte de ideias e um buraco negro no centro, o que causa o desejo de buscar o que está lá dentro é a delimitação da borda. A causa é a borda, já que a coisa não é nada. As bordas de uma coisa maior, mas não há coisa maior. Projeta-se no centro uma série de características que causam o desejo. Na análise, desenha-se a maneira como se deseja e isso personifica o analisante. **É indo em direção à causa do desejo, e materializando-a como objeto, que se materializa uma construção em direção ao real.** Trazendo as apresentações que mais carregam a força da coisa. **Causa é o nome da borda.**

Para Freud "todo sonho tem seu umbigo", depois de caminhar nas representações, associações e reconfigurações, chega-se uma hora neste limite.

A maneira que Lacan teve para teorizar o fim da análise é a constituição do objeto a . Tendo construído uma rede de bordas com as quais o objeto a se estabeleceu e estabilizou, encontra-se o fim da análise. Lacan complica ainda um pouco quando sugere que o analista deve ocupar o lugar de objeto a para que se esgote uma transferência. Isso faria com que o analisante chegasse numa experiência como a de dizer, “eu sou isso” (e mais alguns “issos”). Quer dizer que houve a transformação de uma borda em um objeto do desejo. Não se descobre qual é o desejo mas sim por onde vamos encontrar esse desejo.

XX - Gozo

17/11/2016

Notas de aula por Maria Carolina Terra

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Aforismos

“Pois é o prazer que introduz no gozo seus limites, o prazer como ligação da vida, incoerente, até que uma outra proibição, esta incontestável, se eleve da regulação

descoberta por Freud como processo primário de pertinente lei do prazer.” (LACAN, 1960. Em *Escritos*, p. 836).

“O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau, etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza.” (LACAN, 1958. Em *Escritos*, p. 696).

“A pulsão, como representante da sexualidade no inconsciente, nunca é senão pulsão parcial.” (LACAN, 1966. Em *Escritos*, p. 863).

“(…) o desejo vem do Outro, e o gozo está do lado da Coisa.” (LACAN, 1964. Em *Escritos*, p. 867).

“(…) toda pulsão é virtualmente pulsão de morte.” (LACAN, 1966. Em *Escritos*, p. 863).

Pulsão de vida e pulsão de morte

Existem dois campos na vida em que, geralmente, a cultura encontra seus imbróglis: a morte e o sexo. São campos em que as narrativas e sentidos da cultura parecem, mais radicalmente que os outros, não darem conta; aparecem como furo da cultura, um real da vida. Aqui, falamos de sexo não como reprodução, mas como espaço de encontro com a vida em si, e morte como espaço de encontro com a não-vida em si. Essas costumam ser as figuras principais dos objetos de desejo.

O que Freud chamou de pulsão de vida e pulsão de morte não diz respeito à vida ou morte em si, mas ao movimento em direção a elas.

Lacan cria o conceito de gozo para unir pulsão de vida e morte numa só e se distanciar da imaginarização de “vida” e “morte” como objetos, em que podemos recair quando nomeamos assim as pulsões.

Prazer e gozo

O gozo, então, para Lacan, seria o que estaria na vizinhança da Coisa, sem prazer. **O gozo, vida e morte ao mesmo tempo, produz excitação/tensão, e não prazer.** Numa análise, trabalha-se com fenômenos de prazer e gozo.

Trabalhar com o prazer seria buscar a descarga, e trabalhar com o gozo seria trabalhar com o excesso. As duas dimensões precisam operar na vida. Uma análise busca fazer as duas dimensões valerem, e não uma em detrimento da outra.

O gozo é um excesso que carrega uma positividade (felicidade) e uma negatividade (horror).

A construção de uma borda em que se situam os objetos a , em análise, não significa uma razoabilidade entre gozo e prazer; não há um meio termo razoável para o gozo. O que produz com essa borda é uma harmonização própria entre prazer e gozo, dependendo dos objetos que constituam a borda para alguém.

Na carta “Por que a guerra?” (FREUD, 1932-1933) - resposta à pergunta de Einstein sobre que contribuições a teoria freudiana poderia fornecer ao tema das guerras nas civilizações -, Freud mostra, em termos lacanianos, que o gozo é estrutural, não é passível de pedagogia. A dimensão do gozo como fissura, excesso, mas também excitação, é ineliminável da vida humana. É isso que Freud nos mostra com sua teoria da pulsão de morte, em 1920, e que Lacan retoma nos termos do gozo, reforçando a dimensão estrutural, e não imaginária, dos nomes “morte” e “vida”.

XXI – Gozo (II)

22/11/2016

Notas de aula por Gabriel Belmonte

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Desejo, demanda e gozo

Vimos que os objetos comuns que encontramos na vida são os objetos da satisfação, em que há uma descarga de tensão. Este é o regime da demanda (D), do eu.

A dimensão do desejo (d), que aparece numa análise, é sem objeto concreto e satisfação, mas com realização.

A partir do seminário 11, Lacan situa o desejo mais do lado da demanda, em oposição ao gozo.

Temos, então:

PRIMEIRO TEMPO – Em Lacan, com Freud, gozo e desejo articulados, do lado do além do princípio do prazer;

SEGUNDO TEMPO – Em Lacan, diferindo um pouco de Freud, gozo do lado do além do princípio do prazer e desejo e demanda do lado do princípio do prazer. Nos dois, temos a pulsão como constante, intransitiva e sem objeto definido.

A pulsão pode ter objeto de satisfação, mas também tem objetos do registro da realização (dimensão forte em uma análise).

Gozo e objeto

O fim de análise tem a ver com se acertar com o gozo e não com a demanda.

A pulsão de morte é a dimensão do gozo, na pulsão. É um a mais, intensidade.

O conceito de objeto a como objeto do mundo jogado fora, resto, rebotalho, guia o analista em direção aos objetos de gozo.

Exemplo de objeto a : Marie-Helene Brousse dá um exemplo de objeto a com o cabelo que cai no ralo. O cabelo, se em conformidade com o Outro, ou seja, se estiver no corpo, é objeto de demanda. Quando cai no ralo, como resto, extraído de onde deveria estar, causa horror, é da ordem do objeto causa de desejo.

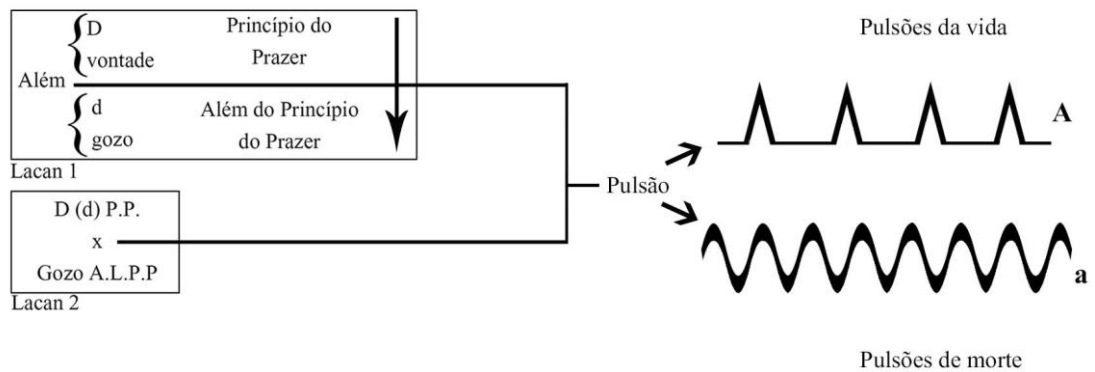
Se o gozo não for articulado à pulsão de vida, leva à morte.

O sexo e a morte são dimensões da vida em que mais se apresentam os objetos de gozo.

Pensar as compulsões e adições com o conceito de gozo traz a ênfase para uma dimensão que está para todos mas que, nesses casos, fica mais forte do que a dimensão do desejo e da satisfação. Nesses casos, há um curto circuito com a alteridade. O circuito do gozo fica cada vez mais encurtado nesse tipo de situação.

O prazer limita o gozo. A regulação do prazer se dá porque há uma grande proibição de gozo (a mãe no Édipo, tomando o paradigma freudiano). Quando o objeto proibido passa a não ser proibido, o gozo perde essa limitação, que leva a uma desregulação.

As duas dimensões articuladas



D = demanda

d = desejo

P.P. = princípio do prazer

A.P.P. = além do princípio do prazer

A = grande Outro

a = objeto a

XXII - Fantasia

29/11/2016

Notas de aula por Joana Chissini e Marina Gomara

Formatação: Andrezza Melo

Revisão: Thereza De Felice

Versão final: Marcus André Vieira

Aforismos

“(...) a pulsão divide o sujeito e o desejo, o qual só se sustenta pela relação, que ele desconhece, dessa divisão com um objeto que a causa. Tal é a estrutura da fantasia.” (LACAN, 1964. Em: *Escritos*, p. 867).

“Digamos que a fantasia, em seu uso fundamental, é aquilo mediante o qual o sujeito se sustenta no nível de seu desejo evanescente, evanescente porquanto a própria satisfação da demanda lhe subtrai seu objeto.” (LACAN, 1961. Em: *Escritos*, p. 643).

“O real se distingue da realidade.” (LACAN, 1970. Em: *Outros Escritos*).

“O simbólico possui um corpo.” (LACAN, 1970. Em: *Outros Escritos*).

“A estrutura faz o afeto quando se incorpora.” (LACAN, 1970. Em: *Outros Escritos*).

Vinheta do documentário *Humans*

Nesta aula, retomou-se o trecho “**O amor vem do lugar mais improvável**”, do filme documental *Humans*, de Yann Arthus-Bertrand, a fim de se discutir a noção de humano, transitando pela ideia de pulsão, objeto, gozo e, assim, podermos entrar no conceito de fantasia, entendendo como ela se constrói em uma análise.

O trecho traz o relato de um homem que, em um primeiro momento, traz memórias da relação com seu padrasto, contando que o mesmo batia nele com extensões elétricas, cabides, pedaços de pau, entre outros fragmentos de coisas, sempre dizendo-lhe que tal ato doía mais nele do que no próprio enteado, e que ele fazia isso porque o amava. O homem conta que seu padrasto transmitiu a ideia errada sobre o que era o amor, na medida em que, durante muitos anos, ele pensava que o amor estava atrelado ao “fazer mal”. Então, ele diz que fazia mal a todo mundo que amava, medindo o amor em relação a dor que alguém pudesse suportar. Após isto, ele fala que um dia foi para a cadeia, um ambiente desprovido de amor, segundo suas palavras, onde ele passou a entender e a diferenciar o que era amor do que não era. Em seguida, ele comenta que conheceu alguém, Agnes, que lhe mostrou pela primeira vez o que era esse sentimento, o amor. Ele explica que ela viu algo além de sua condição de condenado à prisão perpétua por conta do pior tipo de assassinato que ele havia cometido: o de uma mulher e de uma criança.

Agnes era a mãe e avó de Patrícia e Chris, respectivamente, suas vítimas, e, mesmo ela tendo todo o direito de lhe odiar pelo seu crime, ela não nutriu o ódio, contrariamente, foi ela quem transmitiu sua melhor lição de amor: Agnes deu-lhe amor. Ensinou-lhe amar.

Após retomarmos este trecho, questionamos: **isto foi humano? O que nos torna humanos?**

Podemos entender a ideia do que é humano sob a perspectiva das pulsões.

Pulsões

As pulsões englobam tanto as pulsões de vida quanto as de morte, sendo que estas comportam objetos de uma intensidade insaciável, que querem sempre mais e mais. **Existe algo que é exagerado em todo mundo, que não tem tamanho, é intenso e que geralmente se demonstra nas confusões da vida. Assim, lidar com o ser humano é defrontar-se com a imprevisibilidade, com o que se escapa e por vezes choca.**

O homem se apaixona, se vicia, comete atos para além do controle e extrapola. No documentário, supõe-se, mesmo diante da incompreensibilidade, do quão louco, absurdo e imprevisto é o assassinato, há o perdão. Este perdão demonstra a humanidade de Agnes diante do excesso desconhecido de um outro, mas é também, o perdão, ele próprio, um excesso, na medida em que não encaixa muito bem com o que se esperaria diante de tal situação. O perdão é, assim, sob esse prisma, da ordem do gozo.

Talvez, estes elementos excessivos sejam o que há de mais humano no próprio humano. A ideia do bom selvagem despencaria, já que existiria uma violência que faz parte do ser humano. Transbordamentos incompreensíveis que se desencontram, se encontram, provocam estranhezas e por vezes transformam. Vejamos abaixo versos da música “O que será”, de Chico Buarque, que transmitem a ideia dessa extrapolação, desse excesso constituinte:

“Será, que será?

O que não tem certeza nem nunca terá

O que não tem conserto nem nunca terá

O que não tem tamanho (...)

Será, que será?

O que não tem decência nem nunca terá

O que não tem censura nem nunca terá

O que não faz sentido”

Objetos e pulsões

Há dois tipos de relações objetais que organizam a vida do ser humano: um que comporta uma relação com objetos do mundo, que compõem e promovem satisfações que tendem a formar agregados - ditos pulsões de vida, e outro tipo de organização com objetos estranhos, que não compõem com os outros e, por isso, sendo da ordem do excesso, produzem desligamentos e separações - pulsão de morte. Não havendo satisfação possível com esses objetos, há uma espécie de realização, no sentido que Freud traz com a "realização de desejo" em "A interpretação dos sonhos" (1900).

Em outras palavras, existem, no nosso funcionamento, objetos que movimentam os desejos e que não são complementares, que não completam os sujeitos naturalmente, e objetos mais "cara metade", como o exemplo do leite, que completaria a fome. Os objetos intensos, que encarnam "o que não tem tamanho", não trazem a sensação de complementaridade, mostrando como a vida excede aquela satisfação.

No caso do trecho do documentário, podemos pensar que Agnes e o padrasto deixaram marcas de excesso na vida daquele homem.

Desta forma, o homem é regulado pelo princípio do prazer e pelo além do princípio do prazer, como nos ensina Freud em 1920. **A diferença entre o homem e o animal é que o homem é desregulado pela linguagem, ou seja, opera para ele um excesso, que aparece, por exemplo, como um exagero ou algo que não compõe.**

Assim, temos pulsão de vida e pulsão de morte entrelaçadas, constituindo a vida do ser falante. Contudo, **é a história de vida de cada um que definirá o direcionamento pulsional para determinado lado, o circuito pulsional, à proporção que todo ser é um somatório, uma colagem, de experiências vividas. E são estas que definem os objetos.** Um vivências produzem marcas que compõem o eu e outras que não compõem. O homem, logo, é alguém que goza, pois o gozo estaria remetido tanto à pulsão de vida, **gozo fálico**, quanto à pulsão de morte, ou o **outro gozo**.

OBS: o gozo é abordado e contraposto de mais de uma forma na obra de Lacan, mas não entraremos, aqui, nessas especificidades.

No gozo fálico, quando há encontro com o objeto, existe descarga, produzindo, por exemplo, no campo dos sexo, orgasmos considerados prazerosos. Já no outro gozo, há experiências que escapam ao entendimento, que não produzem satisfação, deixando marcas que não se consegue assimilar. Há, portanto, rupturas, desligamentos, desmontagens, separações. Os próprios sonhos demonstram como a vida é esse algo a mais.

E a fantasia?

Certas marcas, primordiais, produzem intensidades inassimiláveis, as quais se articulam numa estrutura, numa matriz em que se desenrolarão os acontecimentos da vida, a qual Lacan chamará de fantasia fundamental.

A partir do texto de Freud, “Uma Criança é Espancada” (1919), Lacan elabora o conceito de fantasia fundamental. Todo mundo teria inscrita uma história de violência, “eu maltratei ou eu fui maltratado”; experiência de uma satisfação que não é da ordem do prazer. Ou seja, haveria, em todas as pessoas, uma cena paradigmática com algo de uma violência exagerada. **Uma estrutura, cena que seria o mínimo múltiplo comum de todas as outras, um jeito de fazer que resumiria todos os outros seguintes, por não se conseguir dizer mais ou melhor; é a matriz do desejo de uma pessoa, ou um “jeitão” que traduziria a fantasia fundamental de cada um.** Por mais que alguém tenha mil maneiras de vivenciar determinada coisa, existe uma maneira que resume todas as outras. Esta seria a fantasia fundamental. Não fantasiemos qualquer coisa, fantasiemos variações de determinada coisa. **A matriz é constituída aleatoriamente, não há nada genético (a fantasia é construída, criada, produzida pela pessoa).**

A ideia de construção de uma matriz em análise, não é acender/iluminar o porão, é uma forma de saber caminhar, como se é na vida, como se deseja, como se goza. Constrói-se a fantasia, não para descobrir o que se é, mas para orientar as experiências, entender como se é, como se faz - como se goza, como busca objetos, como se encontra com objetos - qual o estilo de satisfação pulsional que está composto no corpo de cada um. Na análise revive-se maneiras de gozar, criando e constituindo uma matriz (do gozo), um mapa, um estilo de estar no mundo. Não é uma teorização da vida, é uma lembrança de experiências. Nela, trabalha-se com a construção da fantasia, já que mexe com o que já foi feito e se tenta mapear, costurar, a fim de chegar mais perto do estilo de cada pessoa para que, assim, cada um possa se acertar com seu próprio mapa/jeito.

É importante entender que a matriz não é fixa, ela pode ser alterada. A mesma é ativa e viva, pode se refazer minimamente. Na análise, joga-se com o inconsciente, com a fantasia. Navega-se com a matriz. Também se mexe com ela, criando maneiras de lhe manobrar, promovendo mudanças em *como se é, como se faz, e não no que se é*. Pode-se reconstruir esse jeito em análise. Por exemplo, à proporção que os objetos são intercambiáveis, em uma análise podem surgir transformações na pessoa que a fazem passar de um objeto para outro (ex: objeto cocaína para *coca-cola*).

E, por fim, chegar ao final de uma análise é se apropriar da matriz, chegar na borda da fantasia, permitindo até rir do próprio estilo.

De uma maneira geral, a psicanálise estaria mais para uma redução de objetos e significantes do que uma cura, já que não se corrige o que se é. Ela promove reconfigurações no fazer. O mais importante é lidar com o gozo – que fala do fazer – do que com desejo como demanda - que lida com o querer fazer. A análise incide, por conseguinte, sobre o fazer, chegando perto da matriz do fazer, do gozo. Finalmente, a Fantasia - matriz que encarna o que você não pode fazer e o que você pode fazer –, construída em análise, permite um mapeamento dos objetos entre o desejo e o gozo (Desejo – pulsão de vida/ gozo – pulsão de morte).

XXIII - Fantasia (II)

01/12/2016

Notas de aula por Bárbara Luna
Formatação: Andrezza Melo
Revisão: Thereza De Felice
Versão final: Marcus André Vieira

Recapitulando

No vídeo *Humans*, abordado na aula anterior, vimos que podemos tomar o perdão da avó como pulsão de morte.

Pulsão de morte, em Freud, é a tendência a voltar ao estado original, como sabemos com seu texto de 1920. Nesse movimento de volta ao estado original, volta ao inanimado, vemos que desfazer laços é uma consequência importante.

O perdão, assim, é gozo, e não desejo, prazer. Ninguém perdoa por prazer. Quem perdoa não perdoa em nome de prazer, perdoa por alguma coisa de um excesso próprio ao gozo, alguma coisa que não se encaixa no princípio do prazer ou pulsão de vida.

Trilhamentos e fixações

Quando temos uma experiência de satisfação, ela não é exatamente equivalente aos elementos constitutivos da experiência e, quando está registrada, não quer dizer que necessariamente as experiências seguintes vão passar por ali, mas que, ali, o caminho está facilitado. Essa ideia tomamos de Freud em “Projeto para uma Psicologia Científica”. O homem não é codificado. Os variados objetos que surgem na experiência e geram satisfação formam os trilhamentos e é a partir deles que as fixações se dão.

A função dos objetos de prazer é satisfação; proporcionam descarga.

Na morte e no sexo – onde você encontra mais gozo - é onde lidamos com muito mais excessos, muito mais do que na vida cotidiana, ligados à pulsão de morte.

Quando acontece experiência de satisfação, produz-se um trilhamento.

As experiências de satisfação, que seriam as experiências de apaziguamento, deixam marcas. Essas experiências são condicionadas pelo outro. A junção “da fome com a vontade de comer” é como Freud acreditava que se constituiria o desejo humano. – **essa soma de trilhamentos, essa rede articulada faz a matriz do desejo. Ela não é rígida, e não está arrumada, você pode constituir ou deduzir a sua matriz a partir das experiências. A análise é a dedução/ construção da fantasia.**

Esses trilhamentos vão mostrando um padrão e é através deste padrão que nos aproximamos da matriz principal. Não é conhecer o padrão mas, sim, mapear minimamente para conseguir articular de uma maneira melhor posteriormente.

Fantasia fundamental

A fantasia se constrói numa análise, decantando, assim, as regras básicas do desejo, do gozo em jogo.

A Fantasia inclui tanto os objetos de prazer e desejo, quanto os objetos facilitados para o gozo.

Construir a fantasia é construir a borda dos seus desejos e os circuitos dos objetos a – causa do desejo.

Não se trata de mapear os dois extremos – fantasia (imaginário) e a Coisa (real), mas os objetos de passagem, que se encontram na borda. Fantasia é uma matriz que define uma articulação entre desejo/ prazer e gozo, mas não temos como encontrá-la, vamos procurar deduzi-la nas conversas da análise.

A lógica da fantasia

1. Objeto borda
2. Sujeito/Indivíduo (sujeito barrado)

Assim, Lacan, escreve a fórmula da fantasia da seguinte maneira:

$$\$ \langle \rangle a$$

A fantasia é a estrutura de todas as relações possíveis do sujeito com o objeto borda (objeto causa do desejo). Esses tais objetos da borda nunca são o sujeito, mas o levam até sua fantasia e o delimitam de todas as suas relações com ele.

Os objetos borda não são a demanda. São os objetos causa do desejo, é o cheiro da Alcidina – é a borda do seu desejo. Não é o objeto do seu mundo e, sim, alguma coisa na margem.

Na análise, buscamos encontrar os objetos a , como o cheiro da Alcidina, acoplados com o afeto que ela tem desse cheiro, através das fixações deixadas pelos trilhamentos.

Anexos

I - *Tecendo laços entre Clarice Lispector e Lacan: articulações entre o conto Amor e conceitos como Outro, eu e sujeito*

Por Joana Chisini

Em seu conto *Amor*, Clarice Lispector tece momentos, intimidades e intensidades existenciais da vida de Ana, uma mulher, mãe de meninos e esposa de um marido dito verdadeiro, que levava uma vida de adulto que assim ela quisera e escolhera. Ao mesmo tempo, a mesma relata que caiu em um destino de mulher como se tivesse o inventado, havendo, desta maneira, uma contradição entre os seus atos voluntários certos e sua identidade no mundo.

Como vimos em sala, para Lacan, todo ser já nasce dependente de uma cultura, estrutura, cunhada de grande Outro, passando a ser constituído por ela mesma. Mas é através desta que já pré-existe, que ele irá costurar pedaços recolhidos de seu meio. Assim, Ana nasce para se encaixada em um papel de mulher e concomitantemente a isso, se apropria de muitas outras peças e elementos que irão formar seu quebra-cabeça, sua casca, armadura alienante que encobre o próprio real de si.

As verdades de Ana compõem o seu eu, que é feito de estabilidades continuamente avalizadas pelo Outro. Ela tem, por exemplo, filhos que sempre a chamam de mãe, não lhe deixando esquecer disto. De forma similar, possui um marido que rotineiramente chega com jornais e um sorriso de fome; conversas rápidas com o cobrador de luz de seu prédio, entre outras coisas que a sustentam firmemente. Para Ana, seu lar era sua raiz.

A história engendrada por Clarice, inicia-se em um bonde, no qual Ana, um pouco cansada e em busca de conforto, carregava suas compras em um novo saco de tricô. O conto parte abruptamente para seus devaneios, sobre suas narrativas na maior parte do tempo estruturadas, sua rotina, suas certezas, sua vida com satisfações egóicas. No entanto, dentro desses pensamentos, algo já se delineia de modo inquietante e preocupante em determinada parte do seu dia. Ana precavia-se com a hora perigosa da tarde, quando a sua casa estava vazia e ninguém mais precisava dela. Pode-se entender que na ausência de pessoas que sustentam seu eu, Ana sente-se insegura, por não haver um Outro assegurando suas certezas.

O enredo realmente se acentua no instante em que, no meio de suas reflexões, Ana vê um homem cego parado no ponto. Ela o olha profundamente e se perturba com o fato dele estar mascando chicletes (chiclete) de olhos abertos na escuridão, ainda por cima, sem estar sofrendo. Sua cadeia associativa é bem singular nesse momento e ela passa a se expressar com dificuldade, incompreensão e incerteza. Ana angustia-se e aponta que a partir do cego, o mal estava feito.

Dando continuidade, o bonde arranca, despencando seu saco do colo, quebrando seus ovos entre os fios de sua rede de tricô. Esta não era mais íntima como quando tricotara, ela estava com aspecto áspero entre seus dedos. Ana diz que a rede perdera o sentido e estar naquele bonde era um fio partido. Desta forma, começa a se questionar e percebe

uma ausência de lei naquela situação que a faz perder o equilíbrio de si. Em uma visão lacaniana, entende-se a rede como metáfora para a estrutura/Outro/lei não escrita ou ordem simbólica que sustentava a Ana. Ver o cego desperta sua singularidade e rompe com suas certezas. O homem cego a faz balançar seu conforto e sua função de sujeito realiza um furo no Outro, desnudando falas únicas, percepções intensas e extremamente ricas experimentadas por ela. Ana torna-se contradição. Quando salta do bonde com suas pernas débeis e dirige-se ao Jardim Botânico, nota a estranheza ao seu redor; tudo era suave ou/e grande demais. Secretamente, ela começa a se aperceber e constata que o assassinato foi profundo e a morte não era o que pensava. Talvez seja porque a morte da qual ela se refira, seja o assassinato da coisa, da qual o simbólico não dá conta, o que o Lacan chamou de Real, algo indizível, não compartilhável por ser singular contudo, próximo da função sujeito, fornecendo o índice de que se pode chegar perto de algo que não há maneira de saber por completo.

O desfecho do conto se dá com o retorno de Ana a sua casa, ao lembrar do cumprimento de seus deveres de mulher, mãe e esposa. Um jantar em sua casa aguardava-lhe. Esta própria lembrança mostra como sua ordem simbólica permite, aos poucos, uma organização nas suas intensidades. De qualquer forma, a lembrança do cego e de tudo o que lhe sucedera causava-lhe espanto e medo à medida que uma nova Ana, antes desconhecida, despertava, flamando seu dia.

II - Representação da fenda – Walter Carvalho, Ofício em Cena – Globo News

Por Célia Novaes

“Quando eu coloco a câmera no ombro, eu me aproximo do ator e tenho a chance de ouvir a respiração dele e consigo sentir a pulsão dele e sentir o arco da emoção que ele está trabalhando, consigo sentir a emoção entre a fala e aquela massa de músculos e nervos pulsando.”

Walter Carvalho

Comentário: Assim como o diretor de fotografia Walter Carvalho, o analista é aquele que se aproxima do paciente e consegue olhar a fenda que se abre na fala, percebe o arco de possibilidades de uma cadeia de significantes.

Disponível em:

<http://globosatplay.globo.com/globonews/v/5047214/>

III – Abraçando Árvore

Por Giovanna Maia

Na crônica “Abraçando Árvore”, Antônio Prata descreve o dia em que, saindo de uma feliz reunião de trabalho, e passando por uma rua que sempre passa, ficou com vontade de abraçar uma árvore. Acontece que ele reforça muito a ideia de que não é “desse tipo que abraça árvore”, que inclusive “faz piada com quem abraça árvore”. Ele não entende muito bem o motivo pelo qual teve vontade de fazer o que fez, e, para mim, é isso o que ocorre quando o inconsciente se manifesta, assim como ocorreu no exemplo do Gilmar, no filme do Eduardo Coutinho e também no texto “Amor” da Clarice. É sempre algo que não encaixa no que temos como eu, que perturba por não ser fácil de entender. Por isso, nós, e também Antônio, logo arrumamos um jeito de fazer com que caiba: ele finge que está medindo a árvore. Afinal, medir a árvore faz mais parte do eu dele do que abraçá-la.

Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml>

Referências:

ABAURRE M., FIAD R., **Cenas de aquisição da escrita – o sujeito e o trabalho com o texto**, Campinas, Papyrus, 1998.

BERCHERIE, P. **Geografía del Campo psicoanalítico**. Cid. Granada, 1994.

BROUSSE, Marie-Hélène. **Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do espelho**. Conferência realizada em 01/09/2009, Granada. Disponível em: <http://goo.gl/7Q1886> e em: <https://goo.gl/ZNtYYT>.

FREUD, S. (1901) **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. VI, p. 13.

FREUD, S. (1905) **Tratamento psíquico (ou anímico)**. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. VII, p. 271.

FREUD, S. (1908). **Escritores criativos e devaneio**. Em: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1919). **Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais**. Em: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1920) **Além do princípio do prazer**. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVIII.

FREUD, S. (1923) **O ego e o id**. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIX, p. 15.

FREUD, S. (1930) **O mal-estar na civilização**. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXI, p. 73.

FREUD, S. (1933) **XXXIV Conferência introdutória sobre psicanálise – Explicações, Aplicações e Orientações**. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXII, p. 135.

FREUD, S. (1933[1932]) **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXII.

FREUD, S. (1905) **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Em: Freud S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **Por que a guerra? (1932-1933)**. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXII.

LACAN, J. (1949) **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96.

LACAN, J. (1950) **Formulações sobre a causalidade psíquica**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 152.

LACAN, J. (1955) **A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 402.

LACAN, J. (1955) **Variante do tratamento padrão**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 325.

- LACAN, J. (1956) **Função e campo da fala e da linguagem**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238.
- LACAN, J. (1956) **Situação da psicanálise e formação do analista em 1956**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 461.
- LACAN, J. (1957) **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 496.
- LACAN, J. (1957) **A psicanálise e seu ensino**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 438.
- LACAN, J. (1957) **O Seminário sobre "A carta roubada"**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 13.
- LACAN, J. (1958) **A significação do falo**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 692.
- LACAN, J. (1959) **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537.
- LACAN, J. (1960) **À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do simbolismo**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 653.
- LACAN, J. (1960) **Subversão do sujeito e a dialética do desejo**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 807.
- LACAN, J. (1961) **A direção do tratamento e os princípios de seu poder**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 591.
- LACAN, J. (1961) **Observação sobre o relatório de Daniel Lagache**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 653.
- LACAN, J. (1963) **A causa do desejo**. Em: *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 113.
- LACAN, J. (1963) **Kant com Sade**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 776.
- LACAN, J. (1964) **Do "Trieb" de Freud e do desejo do psicanalista**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 865.
- LACAN, J. (1966) **A ciência e a verdade**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 869.
- LACAN, J. (1966) **Apresentação das Memórias de um doente dos nervos**. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 449.
- LACAN, J. (1966) **Do sujeito enfim em questão**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 229.
- LACAN, J. (1966) **Posição do inconsciente**. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 843.
- LACAN, J. (1970) **Radiofonia**. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 400.
- LACAN, J. (1973) **O aturdido**. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 449.
- LACAN, J. (1981) **Aviso ao leitor japonês**. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 498.
- LISPECTOR, C. **Amor**. Em: *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998, p. 19.

FILMOGRAFIA

COUTINHO, Eduardo. (2002) **Edifício Master**.

COUTINHO, Eduardo. (2011) **As canções**.

Documentário *Humans*: https://www.youtube.com/watch?v=2Liy_1kYaZ0

Vídeos assistidos em aula para ilustrar o estádio do espelho:

<https://www.youtube.com/watch?v=u8VUjl6g7MI>

<https://www.youtube.com/watch?v=gPZIHGih5cY>

<https://www.youtube.com/watch?v=fREZt5xMyL4>

Música “O que Será” – Chico Buarque: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45156/>